

Universidade Federal de São Carlos
Campus Sorocaba
Centro de Ciências Humanas e Biológicas (CCHB)
Licenciatura em Ciências Biológicas

André Lopes Ferreira

**SENTIMENTOS E DIFICULDADES ENFRENTADAS
PELOS PROFESSORES EM TEMPOS DE COVID-19.**

Sorocaba

2020

André Lopes Ferreira

**SENTIMENTOS E DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS PROFESSORES EM
TEMPOS DE COVID-19.**

Trabalho de conclusão de curso apresentada
a Universidade Federal de São Carlos-Campus
Sorocaba, para obtenção do título de
Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof^a Dra. Marystela Ferreira.

Coorientadora: Prof^a Dra. Iolanda Cristina
Silveira Duarte.

Sorocaba-SP

2020

FOLHA DE APROVAÇÃO

ANDRÉ LOPES FERREIRA

*Sentimentos e dificuldades enfrentadas pelos professores em
tempos de covid-19*

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para
obtenção do grau de licenciado no curso de ciências Biológicas – Licenciatura
Plena, da Universidade Federal de São Carlos Campus de Sorocaba.**

Sorocaba, 16 de dezembro de 2020.

Orientadora:

Marystela Ferreira

Prof.^a Dr.^a Marystela Ferreira

Examinadora:

Marystela Ferreira

Prof.^a Dr.^a Adriana Delgado de Oliveira Silva

Examinadora:

Marystela Ferreira

Prof.^a Dr.^a Ariana de Souza Moraes dos Santos

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meus pais Maria Aparecida e Aparecido Lopes, e a toda minha família que, com muito carinho me apoiou e não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

AGRADECIMENTO

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por me manter forte e perseverante em todas as etapas de minha vida.

À minha família que sempre estiveram presentes e entenderam minha ausência em muitos momentos, principalmente aos meus pais, MARIA e APARECIDO que em todos os momentos foi a eles a quem pude recorrer, me incentivaram e me deram todo o suporte possível para concretizar mais uma etapa de minha história.

As minhas queridas amigas Bárbaras, Felix e Muniz, que sempre me proporcionaram os melhores momentos nesses últimos anos e foram meu apoio psicológicos e uma grande família.

A meu companheiro Lucas Felipe que me auxiliou e ouviu todas as minhas reclamações e em nenhum momento me deixou desamparado.

A todos os docentes que mesmo no formato anônimo puderam contribuir com suas experiências para produção deste trabalho.

A todos os trabalhadores da UFSCAR.

Gostaria de agradecer imensamente a Prof^ª. Dra. Marystela Ferreira por ter aceito o desafio de me orientar, tanto nos trabalhos de iniciação científica como neste de conclusão de curso, a qual contribuiu MUITO com minha formação e se tornou uma grande amiga a qual tenho muito apreço e admiração.

E por fim a Prof^ª. Dra. Iolanda Cristina Silveira Duarte, pela coorientação e auxílio necessário, que também sem dúvidas contribuiu muito com minha formação.

Nas palavras de Albert Einstein: “A crise é a melhor benção que pode ocorrer com as pessoas e países, porque a crise traz progressos. A criatividade nasce da angústia, como o dia nasce da noite escura. É na crise que nascem as invenções, os descobrimentos e as grandes estratégias”.

RESUMO

A docência uma das profissões mais importantes no desenvolvimento e construção da sociedade, o presente trabalho objetivou levantar, entender e interpretar como está sendo a “nova rotina” do docente à nova modalidade de ensino empregada durante o distanciamento social, ocasionado pela pandemia do coronavírus SARS COV-2 causador da doença COVID19 em 2020. Algumas questões foram analisadas, tais como: Quais medidas estão sendo adotadas pelas instituições de ensino, que buscam de alguma forma auxiliar o trabalho docente? Quais as principais dificuldades enfrentadas pelo professor para manter suas aulas? Como está sendo a jornada trabalhista? Está sendo possível conciliar o trabalho em *home-office* com outros afazeres? O que ajudaria o docente neste processo de adaptação? Quais consequências estes processos de adaptação estão trazendo para o professor? Estes são alguns dos questionamentos que o presente trabalho buscou responder.

Para obter essas respostas, utilizou-se de uma ferramenta relativamente simples e de fácil acesso, que são os formulários on-line. O formulário foi desenvolvido na plataforma digital *google forms*, que gerando um link de compartilhamento pode ser distribuído através de meios digitais como, *WhatsApp*, *E-mail*, *Facebook*, entre outros, ficando disponível para preenchimento por aproximadamente 13 dias e obtendo 100 respondentes, entre eles docentes de distintas etapas de ensino, do infantil ao superior e diferentes instituições de ensino, tanto pública como privada. Posteriormente, os dados foram devidamente tratados e discutidos de acordo com literatura científica.

Um dos resultados obtidos que certamente chamou a atenção foi que em meio a tantos acontecimentos e fatores laborais, o professor manteve sua preocupação com o aprendizado, bem-estar e saúde dos seus educandos. Outro ponto a ser ressaltado é o aumento significativo da jornada e sobrecarga trabalhista, altos índices de preocupações, medo e incertezas, culminando em sentimentos de ansiedade como descrito por 78%, estresse 52%, sobrecarga 69% e cansaço 63% dos respondentes. Todos estes sentimentos e preocupações influenciam significativamente no bem-estar pessoal, colocando em risco sua saúde mental, física e psicológica.

Palavras-chaves: Saúde mental, Professor, Pandemia, Sentimentos, Ensino à distância e aulas remotas.

Abstract

Teaching is one of the most important professions in the development and construction of society. This study aimed to investigate, understand and interpret how the “new routine” is being used in the new teaching modality applied during social distance, caused by the coronavirus pandemic (COVID19) in 2020. Some issues were analyzed such as: What are the measures adopted by educational institutions, which seek in some way to assist teaching work? What are the main difficulties faced by the teacher to maintain his classes? How is the labor day going? Is it possible to reconcile work at home-office with other tasks? What would help the teacher in this adaptation process? What consequences are these adaptation processes bringing to the teacher? These are some of the questions that the present work sought to answer.

To obtain the answers to the questions, a relatively simple and easily accessible tool was used, which are the forms. The form was developed on the digital platform google forms, which generating a sharing link can be distributed through digital media such as WhatsApp, E-mail, Facebook, among others. The form was being available for completion for approximately 13 days and obtained 100 respondents, among teachers from different teaching stages and different educational institutions, both public and private. Subsequently, the data were properly treated and discussed according to the literature.

One of the results obtained that certainly drew attention was that, amid so many events and work factors, the teacher maintained his concern with the learning, well-being, and health of students. Another point to be highlighted is the significant increase in work hours and overload, a high index of worries, fear, and uncertainties, culminating feelings of anxiety as described by 78%, stress 52%, overload 69%, and tiredness 63% of the respondents. All of these feelings and concerns significantly influence personal well-being, causing risk to mental, physical and psychological health.

Keyword: Mental health, Teacher, Pandemic, Feelings, Distance learning, and remote classes

Lista de Figuras

Figura 1: Etapa do ensino onde os respondentes lecionam.....	27
Figura 2: Rede de ensino em qual os respondentes lecionam.....	27
Figura 3: Idade dos docentes.....	28
Figura 4: Quanto tempo o professor é formado.....	29
Figura 5: Gênero dos docentes respondentes.....	30
Figura 6: Percentual de professores com experiência na modalidade à distância. ...	32
Figura 7: Tempo que o professor tem levado para preparar as aulas quando comparado antes pandemia.....	36
Figura 8: Porcentagem de professores que estão recebendo algum tipo de apoio emocional ou psicológico da instituição de ensino.....	40
Figura 9: Porcentagem de professores que recebem algum treinamento da instituição de ensino.....	41
Figura 10: Porcentagem de docentes que relataram que houve adaptação do currículo escolar.....	42
Figura 11: Compilado em percentual de qual tipo de apoio o professor gostaria de receber.....	42
Figura 12: <i>Sentimentos relatado pelos professores durante a pandemia.....</i>	44
Figura 13: Nível de satisfação dos professores com suas aulas on-line.....	48
Figura 14: Escala do nível de quanto as preocupações estão afetando a saúde mental do professor.....	50

Lista de Quadro

Quadro 1: Comparação entre as modalidades EaD e Remoto.	19
Quadro 2: Quadro dos principais sintomas e sinais da Síndrome de Burnout.	53

Lista de Siglas

ALESP- Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo

APEOESP- Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo

AVA- Ambiente Virtual de Aprendizagem

CNE- Conselho Nacional de Educação

DOU- Diário Oficial da União

DPME- Departamento de Perícias Médicas do Estado

EaD- Ensino à Distância

ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente

EJA- Ensino de Jovens e Adultos

ESPII- Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional

IES- Instituição de Ensino Superior

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LDB- Lei de Diretrizes e Bases

MEC- Ministério da Educação

OIT- Organização Internacional do Trabalho

OMS- Organização Mundial da Saúde

ONU- Organização das Nações Unidas

OPAS- Organização Pan-Americana da Saúde

SARS- Síndrome Respiratória Aguda Grave

SEDUC-SP- Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo

Sinproed-DF- Sindicato dos Professores em Estabelecimentos Particulares de Ensino do Distrito Federal

TICs- Tecnologias da Informação e Comunicação

TMC- Transtornos Mentais Comuns

UNESCO- Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

Sumário

1. Introdução.....	13
2. Referencial Teórico.....	14
2.1. O Professor e Uma Breve História da Educação no Brasil	15
2.2. Professor e o Trabalho.....	17
2.3. Ensino a Distância.....	18
2.4. Ensino Remoto.....	19
2.5. Pandemia e a Educação	20
2.6. O Professor e a modalidade EaD/Remoto na Pandemia	21
2.7. Trabalho Docente e seus sentimentos	23
3. Objetivos.....	25
3.1. Objetivos Gerais.....	25
3.2. Objetivos Específicos	25
4. Justificativa	25
5. Metodologia	26
6. Resultados e Discussões.....	26
6.1. Perfil dos Respondentes.	26
6.1.2. A Mulher na Docência	29
6.1.3. Inovação do Professor.....	31
6.1.4. Desafios Com Materiais Didáticos e Infraestrutura.....	32
6.1.5. Interação Professor/Aluno	34
6.1.6. Sobrecarga Trabalhista	35
6.1.7. Preocupações do Professor.....	37
6.1.8. Apoio ao Professor	39
6.2. Sentimentos do professor	43
6.2.1 Ansiedade.....	44
6.2.2 Estresse.....	45
6.2.3 Frustração.....	46
6.2.4 Desânimo.....	48
6.3. Saúde Mental	49
6.4. Síndrome De Burnout.....	51
7. Conclusão.....	55
8. Referências Bibliográficas.	57
Anexo I – Termo De Consentimento Livre e Esclarecido	63
Anexo II – Perguntas Aplicadas No Questionário.....	64

1. Introdução.

No dia 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi notificada de um suposto surto de pneumonia em uma pequena cidade da China, chamada Wuhan (província de Hubei), advindos de um novo tipo de coronavírus recém descoberto nomeado SARS-CoV-2, Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), responsável por causar a doença denominada Coronavírus disease 2019 (COVID-19).

Em 30 de janeiro de 2020, a OMS constituiu o caso como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), a qual prevê uma resposta imediata buscando conter a propagação do vírus que possui alta capacidade de transmissão. Em 11 de março de 2020, a OMS categorizou a situação do SARS-COV-2 como pandemia, e isso mudaria os hábitos de vida de bilhões de pessoas no mundo, colocando diversos setores a prova, principalmente o setor educacional (BASTOS; PAHO/WHO, 2020).

Objetivando a contenção da disseminação do novo coronavírus, diversas ações foram tomadas, dentre elas a suspensão das aulas presenciais visando o distanciamento social, o que afetou diretamente mais de 1,5 bilhões de estudantes e aproximadamente 64 milhões de professores por todo o mundo (ONU, 2020a).

No Brasil não foi diferente, as suspensões das aulas presenciais foram necessárias, desde então os professores têm sofrido com as mudanças repentinas ocorridas pelas medidas adotadas.

Apesar do momento difícil enfrentado por todos os agentes da educação perante o isolamento social, o sofrimento do professor é antigo. O sucateamento da educação pública vem sendo debatido há muito tempo, mas o desmonte se intensificou nos últimos anos. Contudo, o sentimento de esperança e de que dias melhores virão prevalece, fornecendo ao professor parte da motivação necessária para continuar promovendo o conhecimento.

Tendo em vista o quão importante é a profissão docente para o futuro da sociedade, seja ele como agente socializador, mediador/facilitador do conhecimento, ou como promovedor da ética e valores por meio da educação, deve-se entender e compreender como está sendo o processo de adaptação e quais consequências este

processo tem trazido para o indivíduo, seja no ponto sentimental, psicológico, físico ou até mesmo financeiro.

2. Referencial Teórico

Há muitos anos o acesso à educação e a permanência escolar é assegurada através da Constituição Federal de 1988 embasada na Lei Nº 8069/90- Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394/96, buscando a formação do indivíduo para cidadania, integração, convivência social e preparação para o trabalho, trazendo as condições e a igualdade de acesso ao ensino básico como instrumento de aquisição do saber.

Segundo a Constituição Federal, artigo 205 relata-se:

“A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida com colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

O processo educativo, ou seja, a educação, é a forma encontrada pela sociedade para perpetuação do conhecimento ao longo das gerações, sendo fundamental para o processo de socialização do ser humano no decorrer das décadas (RODRIGUES; SOUSA,s.d). Para Aranha (1996, p. 18),

“Trata-se de um processo que dura a vida toda e não se restringe à mera continuidade da tradição, pois supõe a possibilidade de rupturas, pelas quais a cultura se renova e o homem faz e refaz a história”. (Aranha 1996, p. 18)

Sendo assim, entende-se o processo educativo e socializador como um processo constante e inerente a sociedade.

Vale ressaltar que antes da escola o convívio familiar é primeiro agente socializador da criança (SILVA; FERREIRA, 2014), como ressaltado por Tosta (2013, p.8) “*o âmbito familiar é o primeiro socializador de todo indivíduo*”. Uma vez que as experiências adquiridas no âmbito familiar pela criança irão contribuir de forma significativa para sua formação quando adulto. A escola, sendo uma instituição social, desempenha o principal papel no processo educacional, pois além de proporcionar o

desenvolvimento ético e intelectual dos indivíduos frequentantes, é por meio desta que se inicia o processo de inserção social.

Enquanto isso, Canivez (1991, p.33) nos convida a refletir como a escola vem a ser o agente socializador.

“A escola, de fato, institui a cidadania. É ela o lugar onde as crianças deixam de pertencer exclusivamente à família para integrarem-se numa comunidade mais ampla em que os indivíduos estão reunidos não por vínculos de parentesco ou de afinidade, mas pela obrigação de viver em comum. A escola institui, em outras palavras, a coabitação de seres diferentes sob a autoridade de uma mesma regra”.
(Canivez. 1991, p.33)

Desta forma, entende-se que a escola proporciona ao indivíduo as primeiras experiências e relações fora do âmbito familiar, ou seja, o indivíduo passa a conviver com diferentes pessoas, culturas, etnias, religiões e pensamentos (SILVA; FERREIRA, 2014), iniciando o processo de desenvolvimento do ser social, senso crítico e respeito as diferenças.

2.1. O Professor e Uma Breve História da Educação no Brasil

Sabe-se que o professor desempenha um papel imensurável na sociedade, o que nos leva a refletir sobre o início do processo escolar no Brasil. Desta forma, partimos da origem e significado das palavras, educação e docência. Educação é proveniente do latim “*educere*” e “*educare*”, que significa o ato de educar, refere-se ao grupo de normas pedagógicas que se aplicam ao desenvolvimento geral do espírito e do corpo. Já a palavra docência, é proveniente do latim “*docentes, docens*”, particípio presente de *docere*, que significa ensinar (BRANDENBURG, 2014; VASCONCELOS; MOTA; BRANDENBURG, 2014).

BRANDENBURG (2014) relata que o termo docência é.

“uma terminação que tem haver com a capacidade do profissional do magistério de propor e vivenciar experiências concretas de ensino e aprendizagem” (BRANDENBURG, 2014, p.2).

No Brasil, o início da docência esteve estritamente ligado à igreja católica, mais precisamente com a chegada dos padres jesuítas da Companhia de Jesus no país

em 1549, que além de encarregados pelo ensino elementar, objetivavam a catequização dos povos indígenas e a formação dos jovens brancos das classes dominantes (ROMANELLI, 2012).

Este modelo de ensino religioso e aristocrático empregado pelos jesuítas perdurou até mesmo depois da intervenção do Marquês de Pombal no século XVIII, que voltado para seus ideais iluministas, percebeu a necessidade de reforma no ensino educacional brasileiro, propondo um novo modelo de ensino. Para isso, a educação passou a ser responsabilidade do estado e não mais da igreja, sendo essa tomada de decisão os primeiros indícios da educação pública no Brasil (ROMANELLI, 2012).

Apesar das reformas impostas pelo Marquês de Pombal em 1759, poucas mudanças puderam ser observadas, uma vez que o ensino ainda continuou com os mesmos métodos pedagógicos autoritários, como relatado por Ribeiro (1993, p. 16).

“a situação não mudou, pois, o ensino continuou enciclopédico, com objetivos literários e com métodos pedagógicos autoritários e disciplinares, abafando a criatividade individual e desenvolvendo a submissão às autoridades e aos modelos antigos. Até os professores eram, em sua maioria, os mesmos que lecionavam nos colégios jesuítas” (Ribeiro, 1993, p. 16).

Neste período de transição, foi iniciado o processo de estatização do ensino, onde ocorreu a substituição dos educadores religiosos por leigos, que prestavam serviços e eram assalariados pelo estado, que empunhava regras as quais os mestres teriam que seguir. Sobre este período, Ribeiro e Neto (s.d) relatam que “a origem da profissão docente no Brasil teve como marco uma pedagogia não especializada, com mestres improvisados que mantinham uma relação de dependência apenas transferida da Igreja para o Estado” (RIBEIRO; NETO, s.d).

No século XVIII, ocorreu grande desenvolvimento da mineração e expansão do comércio, proporcionando o surgimento de uma nova classe social intermediária, chamada de pequena burguesia, que ao perceber o valor da escolarização para ascensão social e afirmação como classe, recorreu e reivindicou para si a educação escolarizada, promovendo o aumento pela demanda escolar, passando a frequentar a mesma escola e receber a mesma educação que a classe dominante. Mesmo a

classe da pequena burguesia sendo dependente das classes aristocratas, tornou-se influenciada pelas ideias liberais advindas do iluminismo tão difundidas na Europa, responsável por reivindicações posteriores, como a abolição da escravatura e proclamação da república (RIBEIRO, 1993; ROMANELLI, 2012).

Com a chegada de D. João VI no Brasil, mudanças significativas ocorreram nas instituições de ensino, como a criação do ensino superior (não tecnológico), Academia Real da Marinha, as primeiras faculdades de medicina da Bahia e Rio de Janeiro, na época nomeadas como cursos médico-cirúrgicos, Museu Real, Jardim Botânico, entre muitos outros, sendo de extrema importância na preparação de mestres qualificados promovendo a evolução educacional brasileira.

2.2. Professor e o Trabalho

Segundo Heloani e Lancman (2004) o trabalho é o agente gerador e central da construção da identidade do indivíduo e intermediador na inserção social do cidadão (HELOANI; LANCMAN, 2004). Desta forma o trabalho é essencial na constituição e construção das relações sociais, econômicas e afetiva, sendo base para a vida em sociedade, visto que, muitas vezes é por meio do trabalho que o sujeito constrói seu reconhecimento social, onde para o indivíduo desempregado pode significar de certa forma a exclusão social do sujeito, já que ocasiona sentimento de inutilidade (FREITAS; HELOANI; BARRETO, 2008).

Desde os primórdios da humanidade, o trabalho educativo é um dos mais presentes e relevantes, seja ele intermediado pelas instituições de ensino ou não. O princípio do trabalho docente foi construído por meio das relações interpessoais e gerações, abrangido as experiências vivenciadas pelo homem, “Toda relação educativa será o encontro dos mestres do viver e do ser, com os iniciantes nas artes de viver e ser gente” (ARROYO, 2000, p. 10).

Tendo em vista a totalidade da importância do trabalho docente na construção da sociedade, vemos que os mesmos não estão recebendo a devida atenção que merecem, por parte dos órgãos públicos e tem virado manchetes de jornais, como a manchete publicada pelo jornal Diário da Notícia em 8 de maio de 2020 “Exaustão de professores “a níveis mais elevados” do que nunca” (REIS, 2020).

À medida em que aumentam a complexidade das demandas a qual a escola precisa responder, mais complexas e maiores se tornam as atividades exigidas dos docentes (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009). Deste modo, neste momento de pandemia não é diferente, o sistema educacional foi forçado a adequar-se a uma nova forma de ensino, assim os professores também o foram.

2.3. Ensino a Distância

Nos últimos anos, a Educação à Distância (EaD) tem ganhando notório destaque no ramo educacional brasileiro, oferecido na forma de cursos profissionalizantes, técnicos, graduação, pós-graduação e aperfeiçoamento. Como o próprio termo nos diz, este tipo de ensino não requer a presença física do aluno ou professor em sala de aula convencional, sendo mediada por recursos da Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Este tipo de recurso é utilizado para conectar e facilitar a comunicação entre alunos e professores, por meio de webconferência, smartphone, chat, fóruns, mensagens eletrônicas, entre outros (COSTA, 2017).

No Brasil, a modalidade EaD foi implementada pelo Decreto nº 5.622, de 2005, do Ministério da Educação, que por sua vez, regulamenta o Art. 80 da Lei nº 9.394 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

O Decreto nº 5.622 de 2005, em seu Art. 1º, caracteriza a educação a distância como:

“Modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de comunicação e informação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos”.

A relevância da modalidade EaD não pode ser descartada, tendo em vista que a maioria de seus adeptos não possuem a oportunidade de frequentar uma instituição de ensino presencial, seja por quaisquer motivos, tais como morar em locais de difícil acesso, tempo escasso (já que muitos usuários da modalidade EaD trabalham em tempo integral), por alguma deficiência ou mesmo por opção pessoal. Nesta perspectiva, a modalidade EaD pode ser uma alternativa, uma vez que pode apresentar horários mais flexíveis e maior acessibilidade (DE AMORIM, 2012).

2.4. Ensino Remoto

Apesar de tanto a modalidade EaD quanto o ensino remoto, acontecerem por meio de tecnologias, há algumas diferenças entre elas. O ensino remoto não pode ser simplesmente considerado sinônimo de aulas online, uma vez que não se resume às plataformas de aprendizado e busca de certa forma “reproduzir” a aula presencial, porém, é mediada por recursos tecnológicos, o que não requer a presença física do professor ou aluno em sala de aula. De um modo geral, as aulas permanecem com o mesmo tempo e horário, procurando manter a rotina do aluno conforme era no cronograma presencial. Outro ponto que deve ser ressaltado se deve ao material didático utilizado pelo educador. Esse é preparado pelo próprio docente, proporcionando maior autonomia, buscando mitigar a heterogeneidade de acesso dos educandos. No período de distanciamento social, esta modalidade de ensino foi adotada por grande parte das instituições de ensino brasileira, na tentativa de reduzir os impactos causados pelos fechamentos das escolas (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2020).

O quadro 1 demonstra de forma simples uma comparação entre as modalidades EaD e Remoto.

Quadro 1: Comparação entre as modalidades EaD e Remoto.

EaD versus Ensino Remoto	
EAD	Ensino Remoto
Aulas gravadas disponibilizadas em plataformas de ensino	A aula em tempo real (síncrona), segue o mesmo horário que o presencial
Possui um tutor para tirar dúvidas	As dúvidas podem ser tiradas diretamente como o professor por meio de ferramentas digitais durante ou depois da aula.
Material padronizado	Material elaborado pelo próprio professor da disciplina
Aulas padronizadas	Material personalizado pelo professor da disciplina trazendo maior dinâmica ao aprendizado

Fonte: Adaptado de (UNISANT'ANNA, 2020).

2.5. Pandemia e a Educação

Com o início da pandemia da COVID-19, praticamente todos os setores trabalhistas foram desafiados a se adequar a uma nova realidade, entre estes encontra-se o educacional. Um dos grandes desafios imposto a esse setor foi “como manter o ensino em tempos de pandemia, sendo que o momento requer o isolamento e distanciamento social?”

Em 18 de março de 2020 publicou-se no Diário Oficial da União (DOU), portaria nº 343 de 17 de março de 2020 fundamentada na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017. Art. 1º, “*Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino*” (DOU, 2020a).

No mesmo dia, 18 de março de 2020, a Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo (SEDUC-SP), por meio da aprovação do Conselho Estadual, homologou a aprovação de atividade EaD para o ensino fundamental e médio durante o período de suspensão (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

Segundo a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), o fechamento temporário das escolas já afetou cerca de 1,7 bilhões de alunos ao redor do mundo, representando aproximadamente 90,1% dos matriculados. No Brasil em torno de 52.898.349 de estudantes foram afetados. Sendo de grande importância ressaltar que cerca de 706 milhões de alunos pelo mundo não possuem acesso à internet, dificultando ainda mais a educação em tempos de distanciamento social (UNESCO, 2020b).

Buscando amenizar os prejuízos para a educação, em 28 de abril de 2020 o Conselho Nacional de Educação (CNE), juntamente com o Ministério da Educação (MEC), aprovou diretrizes para orientar escolas da educação básica e instituições de ensino superior durante a pandemia do coronavírus, proporcionando a adoção de metodologias e ferramentas digitais educacionais, para que os alunos sofressem o menor prejuízo possível com o distanciamento social obrigatório. Entre as pautas,

foram debatidas o uso de da modalidade EaD para o período letivo de 2020 (“CNE,2020).

Posteriormente, o MEC homologou parcialmente as diretrizes instituídas em 28 de abril de 2020, assim o Conselho Nacional de Educação (parecer CNE/CP Nº: 5/2020.) autorizou a oferta de atividades não presenciais para todas as etapas de ensino, desde a educação infantil ao ensino superior, podendo ser contabilizada na carga horária a ser cumprida do calendário letivo (TOKARNIA, 2020). A homologação foi publica no Diário Oficial da União no dia 01 de junho de 2020 (DOU, 2020b).

2.6. O Professor e a modalidade EaD/Remoto na Pandemia

A palavra do momento para os profissionais da educação durante o isolamento social é “desafio”. Desafio de se reinventar, reaprender e principalmente o de ensinar em uma nova modalidade de ensino tão pouco explorado por muitos dos professores, tendo em destaque os atuantes na rede pública de ensino. Mesmo com tantos desafios sendo impostos diariamente, os professores reafirmaram seu comprometimento com a educação, e seguindo as diretrizes impostas pelas secretarias de educação, como forma de reduzir os danos, devido ao longo período de suspensão das aulas, foram impelidos ao ensino remoto.

Neste período tão conturbado, cerca de 64 milhões de professores em todo mundo, estão sendo de alguma forma afetados pelo fechamento das escolas (UNESCO, 2020a). São estes que atuam na linha de frente do ensino e juntamente com os dirigentes escolares, tiveram que em um curto período de tempo sair de sua rotina de aulas presenciais, adequando-se a uma nova realidade. Para isso, diversas mudanças foram necessárias, entre elas, a adaptação do currículo escolar, plano de aula, adaptação e criação de materiais didáticos compatíveis com meios tecnológicos, desenvolvimento de didáticas que sejam efetivas e compatíveis com a modalidade de ensino e que busque promover e facilitar o aprendizado à distância.

Muitos dos profissionais da educação nunca tinham tido contato com o EaD ou remoto, e foram submetidos a essa realidade sem um prévio treinamento, apoio pedagógico ou até mesmo sem nenhum suporte tecnológico. Segundo a Organização

das Nações Unidas, cerca de 9,1 milhões de professores não receberam nenhum treinamento, portanto encontram dificuldade de adaptação a essa realidade (UNESCO, 2020a).

Dentre as diferentes categorias de professores que estão sendo prejudicadas pela pandemia, os professores substitutos ou de caráter temporários são os mais afetados, por se tratarem de profissionais que não são concursados e que não possuem aulas atribuídas. Esses profissionais recebem apenas pelas aulas efetivamente dadas em momentos de ausência do titular, conforme a Lei complementar nº 1.093/2009. Porém, devido a pandemia e, conseqüentemente, não ocorrência de aulas presenciais, estes professores não possuem nenhuma remuneração. Nesta mesma situação, encontram-se os professores de categoria O, que por algum motivo não conseguiram aulas no início do período letivo, esta categoria é representada por aqueles que desempenham as mesmas tarefas que os concursados, porém, não possuem o mesmo direito, desta forma não detém vínculo empregatício duradouro, ou seja após a o final da prestação de serviço continuada, são desvinculados, ou seja, afastados por 180 dias (APEOESP, 2018).

Aproximadamente 35 mil professores atuantes na rede pública do estado de São Paulo encontram-se sem salários ou trabalho durante a pandemia. Buscando amenizar a situação da ausência salarial dos professores de categoria O e eventuais, 93 das subsedes do sindicato dos professores (Apeoesp), passaram a realizar campanhas de arrecadação de alimentos e produtos de limpeza que serão destinados a estes profissionais (ALESP, 2020; ESQUERDA DIÁRIO, 2020; G1, 2020).

Apesar de todo o esforço realizado pelos educadores para manter o ensino durante a pandemia, demissões de professores da rede privada, principalmente nas Instituições de Ensino superior (IES), tornaram-se comuns. Algumas notícias relatando demissões em massa, como a realizada pela Uninove e Unicsul que demitiram aproximadamente 30% e 35% do corpo docente, de certa forma tornaram-se banais (SINPROSP, 2020). Em um levantamento feito pelo Sindicato dos Professores em Estabelecimentos Particulares de Ensino do Distrito Federal (Sinproed-DF), relatou que em apenas 30 dias foi verificado um aumento de 100% nas demissões de educadores da rede particular do DF. A demissão demonstra apenas um dos acontecimentos ao qual o professor está exposto durante a crise.

Mesmo os profissionais que não são demitidos, correm o risco de ter reduções salariais ou suspensão contratual, como previsto na medida provisória nº 939 de 2020 implementado pelo órgão federal (COUTO; FUZEIRA, 2020; SINPROSP, 2020).

Mediante todos esses acontecimentos decorrentes da pandemia, este tipo de atitude já era objetivado por boa parte das IES privadas, desde a publicação da Portaria 2.117 de dezembro de 2019, assinada pelo então ministro da educação Abraham Weintraub, o qual permite que 40% da carga horária total do curso seja ofertada em EaD, totalizando o dobro do que era permitido anteriormente, ou seja, há uma facilitação da reestruturação do ensino superior sem a presença física de professores.

Ao relatar o interesse das IES na reestruturação para a modalidade EaD, deve-se pensar no processo de ensalamento, responsável pela junção de alunos e turmas distintas em uma única sala, o que já ocorria nas IES presencialmente. Porém com a modalidade EaD, não há o impedimento estrutural da instituição, onde devido ao tamanho da sala presencial comporta-se cerca de 40 ou 50 alunos. Por sua vez, uma sala *on-line* comporta um número muito maior de usuários. Supondo que em uma sala virtual haveria 200 alunos, seria necessário apenas um professor para ministrar uma aula, ao invés das quatro aulas presenciais necessárias para suprir o mesmo número de alunos. Dessa forma, poderia ser reduzido o número de aulas e consequentemente o número de professores, aumentando os lucros das IES (ADUSP, 2020) e provocando a demissão dos profissionais de ensino.

2.7. Trabalho Docente e seus sentimentos

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) reconhece que o trabalho docente ocupa um local central na sociedade, uma vez que é responsável por preparar o indivíduo para a vida. Todavia, também acaba sendo uma profissão de alto risco, sendo classificada como a segunda classe trabalhista em nível mundial a desenvolver doenças ocupacionais (TRINDADE; MORCERF; DE OLIVEIRA, 2018) (OIT, 1985).

A docência traz ao professor uma série de tarefas e responsabilidades, bem como intensa convivência de relações sociais, que muitas vezes podem vir acompanhadas de conflitos, pressões e cobranças, desencadeando a vivência de

múltiplos sentimentos, como estresse, alegria, sofrimento, frustração, culpa, indignação, indecisão, tristeza, medo, esperança, entre outros (TRINDADE; MORCERF; DE OLIVEIRA, 2018; FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2019).

O sentimento é algo natural, intrínseco ao ser humano que está em contato com o mundo, e pode ser percebido de formas diferentes, porém, a forma de percepção dependerá das circunstâncias e local onde o indivíduo se encontra. Para Viscott (1982, p.11), “*o sentimento é o que nos diz se o que estamos experimentando é ameaçador, doloroso, lamentável, triste ou alegre*”. Ou seja, é a expressão e definição do que percebemos, deste modo, destaca-se a importância do sentimento para o indivíduo, já que é por meio deste que ele poderá fazer a avaliação de como está sendo sua interação com o meio.

No ponto de vista de Duarte (1988, p. 79) sentimento é “*uma apreensão direta da situação em que nos encontramos, sendo que por situação compreende-se nossos estados interiores (físicos e mentais), bem como nossa relação com o mundo*” (DUARTE. 1988). O professor ao longo da prática docente, vivencia inúmeros sentimentos, decorrentes da complexidade da profissão, como dito por Freire (2001), ser professor, é mais do que ser o facilitador do conhecimento, demanda do professor, ser humano, tolerante, humilde, alegre e comprometido, ou seja, é doar-se à profissão (LIMA, 2011).

Há tempo é debatido o quão é exigido do professor um alto nível de competências, habilidades e responsabilidades, apesar das dificuldades enfrentadas, decorrentes da sobrecarga de trabalho, salários baixos, turmas com número elevado de alunos, salas com infraestrutura mínima, violência escolar, pressão e exigências por parte dos pais e gestores em busca de resultados positivos, entre outros (LIMA, 2011; TRINDADE; MORCERF; DE OLIVEIRA, 2018). De acordo com Goulart e colaboradores (2008) isso causa sentimento de frustração e raiva, acarretando desgastes físico e mental do profissional, fazendo-se necessário entender o estado sentimental e mental do professor, bem como lhe promover o apoio necessário, buscando mitigar a sobrecarga docente (GOULART JUNIOR; LIPP, 2008).

3. Objetivos

3.1. Objetivos Gerais

Esta pesquisa teve por objetivo, entender e avaliar como tem sido a rotina dos professores perante as mudanças que vêm ocorrendo no sistema educacional, decorrente da pandemia da COVID-19 e também como está sendo lidar com a pressão de ter que se reinventar e se adequar a uma nova modalidade de ensino, assim como as dificuldades encontradas perante esse desafio.

3.2. Objetivos Específicos

- Entender as principais preocupações dos professores durante o distanciamento social.
- Verificar se o professor está recebendo algum suporte, ou apoio, da escola ou do Estado.
- Conhecer o processo de adaptação do professor à nova realidade.
- Entender o estado da saúde mental do professor.
- Identificar quais os sentimentos do professor frente aos desafios que lhe foram impostos.

4. Justificativa

Neste momento, no qual o mundo enfrenta a pandemia ocasionada pelo vírus SARS-COV-2, um dos principais setores afetados foi o educacional. O cenário de crise trouxe grandes desafios aos educadores que, de forma abrupta, se viram obrigados a adaptar-se a uma nova modalidade de ensino, muitos deles sem nenhum aparato técnico-pedagógico. Os docentes também não receberam nenhum amparo frente a saúde mental, deixados, muitas vezes, para enfrentar sozinhos as preocupações e incertezas com o trabalho, interferindo na dedicação frente a sua família e vida particular.

Nesta perspectiva, sabendo como as preocupações e sentimentos podem influenciar no processo laboral do cidadão, o presente trabalho buscou apontar as principais dificuldades e necessidades dos docentes no momento de distanciamento social, trazendo uma reflexão sobre a necessidade que nossos docentes possuem por serem ouvidos.

5. Metodologia

Neste trabalho, optou-se por uma metodologia investigativa quantitativa, utilizando um questionário online produzido na plataforma *Google Forms*. O formulário é uma ferramenta de pesquisa amplamente utilizada e tem ganhado cada vez mais o apreço pelos pesquisadores, pois formulários eletrônicos como o “*Google Forms*” podem facilmente ser criados e distribuídos aos candidatos, seja por meio de redes sociais, e-mails, ou até mesmo mensagem de textos, permitindo ao indivíduo agilidade nas respostas.

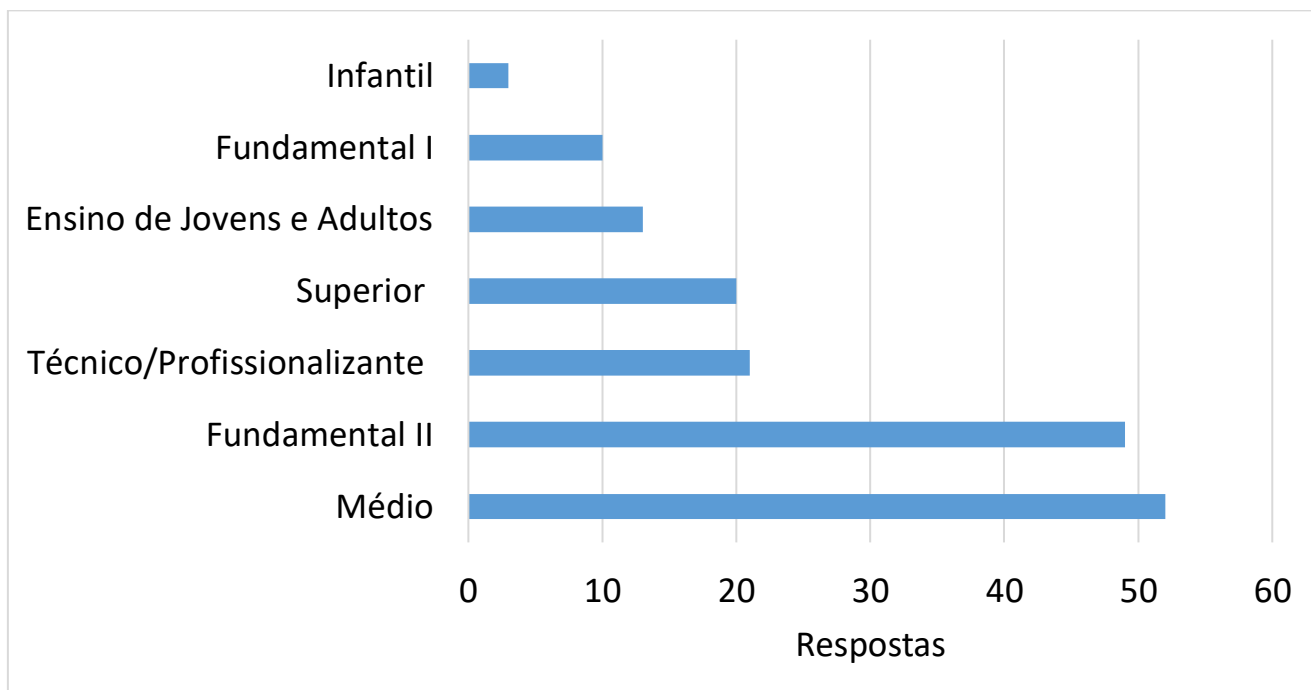
O formulário conteve 28 questões (vide anexo II), sendo respondido de forma anônima, juntamente com o Termo De Consentimento Livre e Esclarecido, disponibilizado por meio de redes sociais, e-mails e aplicativos de mensagens, entre os dias 02/06/2020 a 15/06/2020, independentemente da localização do docente. Optou-se por não levar em consideração a localização do educador devido ao fato de nem todas as escolas estarem oferecendo alguma forma de ensino, seja ele remoto ou EaD, o que poderia limitar o n amostral. Neste período obteve-se 100 respondentes. Os dados foram compilados e tratados utilizando softwares Origin® e excell®. Parte das questões abordadas neste trabalho foram baseadas em pesquisas realizadas pelo Instituto Península. Relatório de Pesquisa “**Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do Coronavírus no Brasil.**” que ainda se encontra em andamento.

6. Resultados e Discussões

6.1. Perfil dos Respondentes.

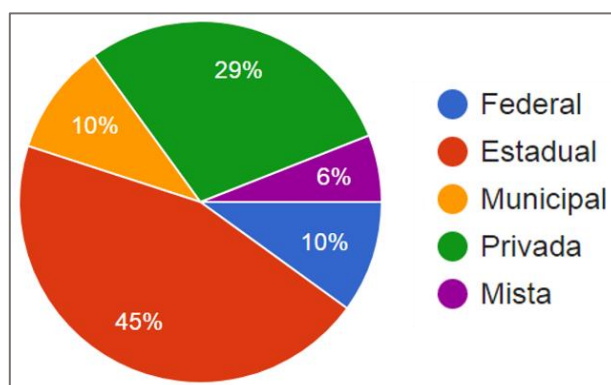
Durante o período em que o questionário esteve disponível, obteve-se 100 respostas, provindas de docentes de todas as etapas de ensino, desde o infantil ao superior conforme apresentado na figura 1, bem como docentes de instituições de ensino, privadas e públicas, observado na figura 2.

Figura 1: Etapa do ensino onde os respondentes lecionam.



Na figura 1, pode-se observar que grande parte dos professores lecionam em mais de uma etapa do ensino (53%) e 47% em apenas uma etapa do ensino. O fato de possuir turmas em estágios diferentes, requer do professor maiores habilidades e tempo de trabalho, pois, cada etapa apresenta conteúdos próprios, com abordagens distintas.

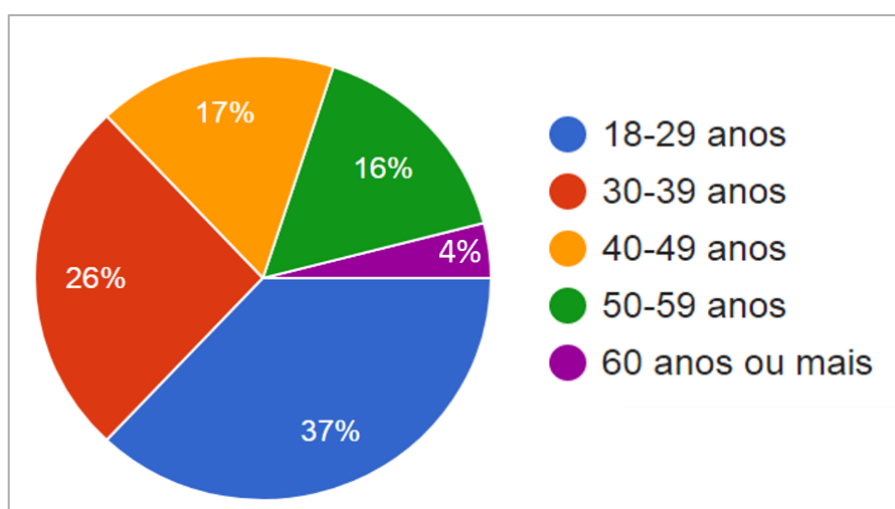
Figura 2: Rede de ensino em qual os respondentes lecionam.



Neste momento é pertinente uma breve discussão sobre a faixa etária do professor e seu tempo de formação. Pode-se notar na figura 3 que a maioria dos educadores é composta por pessoas mais jovens, uma vez que 63% estão entre 18 e 39 anos, enquanto 53 % são formados a menos de 10 anos (figura 4), o que nos

permite presumir que possuem maior familiaridade com tecnologias que poderiam ser utilizadas em aulas online. Este processo de afinidade tecnológica também foi observado por Carvalho (2018. p. 28), onde relata a relação da faixa etária do professor com a sua postura perante o uso de novas tecnologias para o ensino, ou seja, docentes mais jovens, por possuírem uma maior familiaridade com os recursos tecnológicos, de certa forma possuiriam maior facilidade em empregá-las em suas práticas docentes (CARVALHO, 2018).

Figura 3: Idade dos docentes.

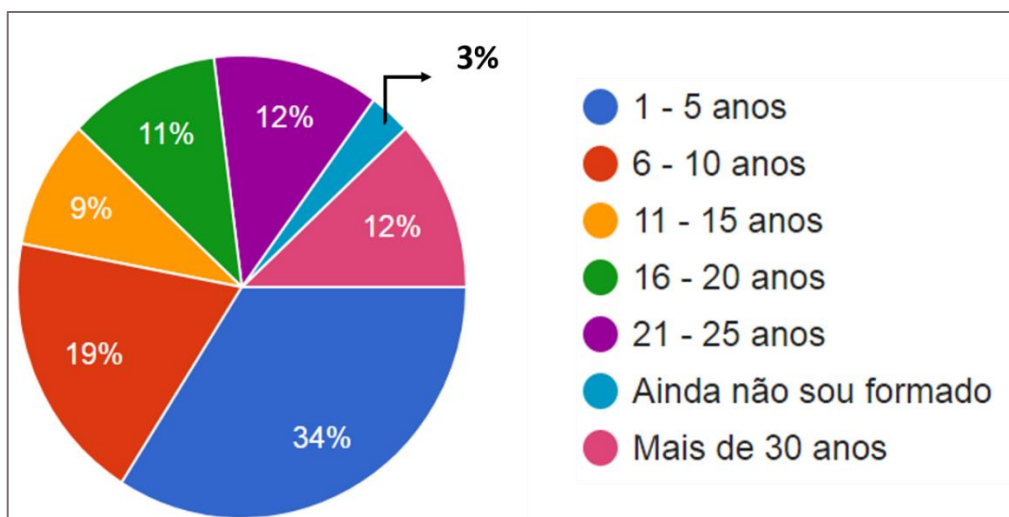


Quando levamos em consideração o tempo de formação do docente, é possível observar um número significativo de respondentes com tempo de formação superior a 15 anos, o equivalente a 35% dos candidatos (figura 4). Pode-se facilmente correlacionar este tempo de formação com a fala de uma professora de matemática do ensino técnico/profissionalizante e ensino superior “Sou da velha guarda”. Entende-se que são professores com práticas mais conservadoras e tradicionais, como descrito por Carvalho (2018. P 28).

“Professores mais antigos, por outro lado, mais acostumados às práticas tradicionais de ensino, podem mostrar uma postura mais passiva diante do uso de ferramentas tecnológicas, demandando maior esforço de capacitação na assimilação do uso de tais tecnologias no processo de mediação de ensino-aprendizagem”. (Carvalho, 2018, p. 28)

Contudo, os professores com maior tempo de serviço apresentam mais experiências em lecionar do que professores mais jovens, já que a experiência é adquirida com o decorrer da prática letiva do docente (CARVALHO, 2018).

Figura 4: Quanto tempo o professor é formado.



6.1.2. A Mulher na Docência

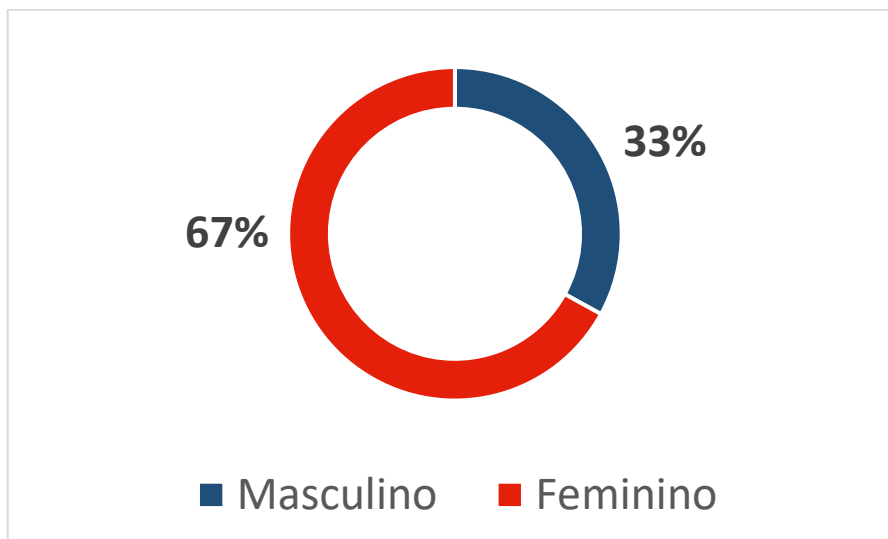
Após o levantamento e tratamento dos dados obtidos, ficou evidente que a maioria dos docentes são do gênero feminino, cerca de 67% dos respondentes (Figura 5). Essa porcentagem de mulheres na docência também foi relatada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (2015), que apontou que aproximadamente 81% dos docentes são do gênero feminino.

A partir desses apontamentos, podemos trazer para o momento a reflexão sobre a dupla jornada trabalhista enfrentada pelas mulheres, que além do trabalho profissional, possuem o trabalho doméstico não remunerado, como cuidar dos filhos, idosos, da alimentação, higiene e tarefas relacionadas com a limpeza da casa. Esses pontos são decorrentes do processo de responsabilização do trabalho doméstico sobre a figura feminina, tornando-se um padrão majoritário.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em uma pesquisa entre os anos de 1995 e 2015, descreveu que a proporção de mulheres que realizam atividades domésticas não remunerada foi superior a 90%, estando entre 91 % e 94%, implicando

em uma jornada trabalhista de 7,5 horas semanais a mais que a dos homens (IPEA, 2017).

Figura 5: Gênero dos docentes respondentes.



Relato: Professora do ensino fundamental II.

Eu elaboro aulas online, preciso dedicar no mínimo quatro horas para auxiliar meus filhos, eles recebem uma quantidade enorme de material e listas de exercícios para realizar, as vezes não conseguem fazer as atividades ou entender os conteúdos, sendo assim eu preciso de muito mais tempo com eles, acabam tendo aquela dependência que nos sobrecarrega ainda mais. Além disso, preciso responder e-mails de pais e agenda digital relacionado ao conteúdo escolar, muitas vezes preciso elaborar vídeos do conteúdo para postar no youtube, porque alguns alunos não conseguem acompanhar as aulas por problemas de conexão, com isso acaba não sobrando tempo para as demais atividades, como ter tempo para cuidar da minha casa, fazer um almoço diferente, me cuidar e até mesmo separar um tempo para descansar.

Relato: Professora do ensino fundamental II e médio.

“Organizar minha rotina e conciliar com a família em casa”.

Na fala de ambas professoras, pode-se, claramente, perceber o quão sobrecarregadas elas estão neste período de distanciamento social, uma vez que além de todos os afazeres domésticos, precisam dedicar um tempo a mais para ajudar

os filhos nos deveres de casa. Nesta pesquisa, 19 mulheres alegaram ter filhos em idade escolar, dentre as quais 17 relataram que além do trabalho, dedicam uma média diária de 1 a 2 horas para ajudar seus filhos, aumentando ainda mais a sobrecarga trabalhista e emocional.

6.1.3. Inovação do Professor

Antes do fechamento das escolas, grande parte dos professores não tinham nenhuma experiência com o ensino on-line e também não se sentiam preparados para esta modalidade (71% dos respondentes), como ilustrado na figura 6. Estes educadores, de certa forma, já possuíam uma rotina estruturada no ensino presencial, o que torna ainda mais difícil para o professor quebrar o paradigma da aula presencial de costume e migrar para a nova modalidade de ensino, ou seja, a transição do presencial para o online é algo que está exigindo muito do professor, assim, como da sua capacidade de inovação perante as dificuldades, já que não é simplesmente usar a tecnologia, mas sim, usá-la como uma proposta pedagógica estruturada e eficiente. Abaixo encontra-se um relato de um professor do ensino técnico profissionalizante.

“A dificuldade de adaptação foi muito grande, pois tivemos que nos adequar de uma hora para outra, porém, como qualquer outra atividade, conforme estamos executando as nossas tarefas vamos aprendendo e aumentando o nosso conhecimento em relação ao novo método de ensino, que pode sim trazer muita facilidade, quando se tornar algo mais natural dentro da nossa rotina”.

O professor relata as dificuldades de adaptação, principalmente pela mudança ter ocorrido repentinamente, proporcionando um curto período de tempo para adequação ao novo cenário.

Em meio a tantas dificuldades, alguns professores acham interessante a ideia de uma nova modalidade de ensino, como pode-se perceber no relato de duas professoras sendo uma da rede privada de educação e outra da rede estadual.

Relato: Professora do ensino técnico/profissionalizante da rede estadual.

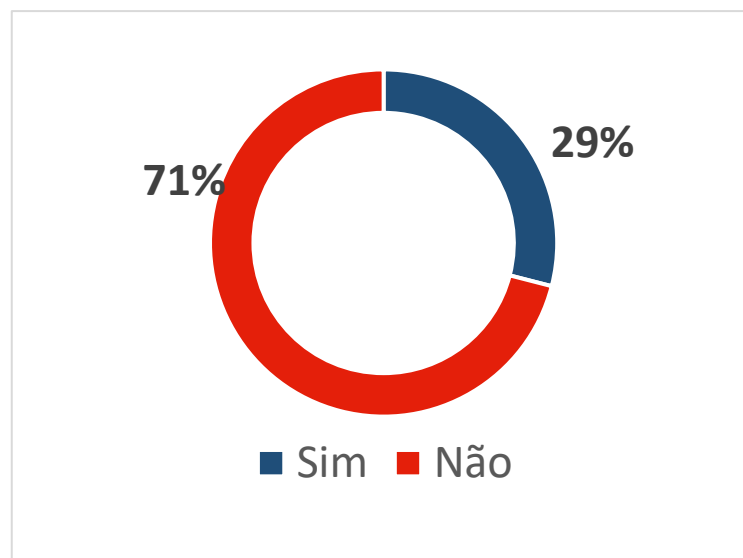
“Está sendo interessante pois estou desenvolvendo novas habilidades e explorando novas possibilidades de ensino”.

Relato: Professora do ensino médio e superior da rede estadual.

“Sinceramente estou gostando de usar mais tecnologia como mediadora da aprendizagem”.

A possibilidade de novos aprendizados por parte de alguns professores, pode significar novas perspectivas de aulas para o futuro. Aqueles que conseguem se adaptar aos meios tecnológicos de ensino à distância, podem trazer isso para dentro da sala de aula após a retomada das atividades presenciais, o que poderia contribuir significativamente com o ensino e aprendizagem do educando, uma vez que poderia tornar as aulas mais atrativas para o aluno, que já possui grande familiaridade com a tecnologia.

Figura 6: Percentual de professores com experiência na modalidade à distância.



6.1.4. Desafios Com Materiais Didáticos e Infraestrutura

Um dos fatores que permeiam o aprendizado significativo do educando é a metodologia e o material didático utilizado. Todavia, um dos grandes desafios da educação remota é a produção deste tipo de material, que permite ao aluno autonomia na construção do conhecimento. Para isso, é necessário a utilização de uma linguagem dialógica, que na ausência da figura física do professor possa tornar a leitura e interpretação mais coloquial possível (SALES, 2005). O mesmo foi relatado por VEIGA et., al(s.d).

“No EAD, a preparação do conteúdo instrucional constitui um desafio, pois cada conteúdo deve ser criado em formato específico, compatível com o suporte tecnológico, e armazenado como arquivo, para ser acessado através da aula. É necessário trabalhar artisticamente o material didático, desenvolvido através de HTML, JAVA, PowerPoint, Autoware etc., para torná-lo mais atraente, comunicativo e eficaz (VEIGA, s.d. p. 5)”.

No decorrer do trabalho quando perguntados sobre as principais dificuldades encontradas para o ensino à distância, alguns professores relataram que suas principais dificuldades são:

Relato: Professora do ensino médio.

“Desenvolver didáticas que funcionem para o ensino a distância”.

Relato: Professor do ensino fundamental e médio.

“Adaptar conteúdos e atividades”.

Relato: Professora do ensino infantil e fundamental I.

O próprio planejamento é desafio, criar atividades que não sejam centradas no professor e que tenham produção significativa dos alunos.

As falas acima enfatizam a preocupação e a dificuldade do professor em desenvolver uma didática significativa e efetividade apropriada para o ensino remoto/EaD, pois, em momento de aulas presenciais, o professor poderia contar com outros recursos que não podem ser utilizados no online, como o quadro negro, onde poderia escrever ou desenhar o que julgasse necessário. No ensino remoto o professor não se encontra presente já que as aulas são gravadas e disponibilizadas em plataformas online. Desta forma, no momento em que o aluno for assistir a aula o professor poderá estar ausente para tirar dúvidas, por isso o educador deve deixar o conteúdo abordado o mais claro e simples possível, tirando a centralidade do professor e proporcionando ao aluno maior autonomia de aprendizado, porém, fazer essa mudança de didática acaba sendo um desafio para educador.

Apesar de todos os problemas encontradas pelos docentes neste período, bem como a falta de treinamento, sobrecarga de trabalho e pouco tempo de adaptação,

cerca de 59% dos professores relataram estarem buscando aperfeiçoamento, como cursos online que lhes possam auxiliar no desenvolvimento metodológico para poder melhorar suas condições de trabalho, além de desenvolver métodos que possam facilitar o aprendizado do aluno.

6.1.5. Interação Professor/Aluno

Com o passar dos anos, novas possibilidades e metodologias de ensino surgiram, entre elas, o ensino à distância. É de conhecimento comum que a distância muitas vezes pode afetar a comunicação efetiva entre as pessoas, fato que se repete na relação professor-aluno, enquanto presencialmente a comunicação ocorre de forma mais dialógica e fluída. Paulo Freire destacava em suas obras o quão importante era a comunicação para o processo educativo, uma vez que a educação é comunicação e a construção do conhecimento se dá por meio das relações dialéticas entre o homem e o mundo (FREIRE, 1979; MAROS; SCHMIDT; MACIEL, 2010).

No processo de ensino e aprendizagem à distância, a comunicação entre professor e aluno se torna ainda mais primordial, já que é por meio desta que os professores recebem o *feedback* da aula e assim podem avaliar como está sendo o processo de ensino e aprendizado do aluno, o que lhe permite analisar e posteriormente realizar as mudanças necessárias para garantir que o aluno realmente esteja aprendendo.

No entanto, os professores atuantes neste momento de pandemia, quando questionados sobre as dificuldades com as aulas não presenciais, relataram que uma das principais dificuldades está sendo justamente a comunicação com os alunos, como descrito abaixo pelos educadores de diferentes etapas do ensino.

Relato: Professor do ensino superior da rede estadual.

“O distanciamento social dificulta a relação aluno-professor e fica mais difícil verificar se os alunos estão acompanhando o conteúdo de forma satisfatória”.

Relato: Professor do ensino técnico/profissionalizante da rede estadual.

“Interação com os alunos para explicação”.

Relato: Professor do ensino fundamental II e médio da rede estadual.

“Pouco contato com os alunos”.

Relato: Professora do ensino fundamental I da rede privada.

“Nesse nível nós damos poucas aulas expositivas e o diálogo direto com o aluno é o que mais faz falta”.

Cerca de 89% dos respondentes relataram estar mantendo contato com os seus alunos, por e-mail, *WhatsApp*, rede social ou plataformas de ensino. Isso não significa que o contato seja efetivo, pois pode ocorrer apenas para entrega e recebimento de atividades, sem que haja um tempo disponibilizado para *feedback* da aula. É importante ressaltar que a maioria dos professores possuem uma grande quantidade de alunos o que dificulta ainda mais o contato com todos.

6.1.6. Sobrecarga Trabalhista

Há muito é notado pelos pesquisadores da educação a sobrecarga trabalhista imposta sobre o docente, antes mesmo do início da pandemia. Neste trabalho as observações não foram diferentes. A seguir encontram-se relatos de professores que continuam em trabalho *home office* durante o distanciamento social.

Relato: Professora do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) da rede estadual.

“Estamos nos reinventando, muito cansados, estamos muito cansados e trabalhando o triplo, estamos deixando nossas famílias em segundo plano, sem tempo para auto cuidado e com muitos problemas emocionais como estresse, sono deturpado e em poucas horas, sem controle de tempo de trabalho”.

Relato: Professora do ensino superior da rede privada.

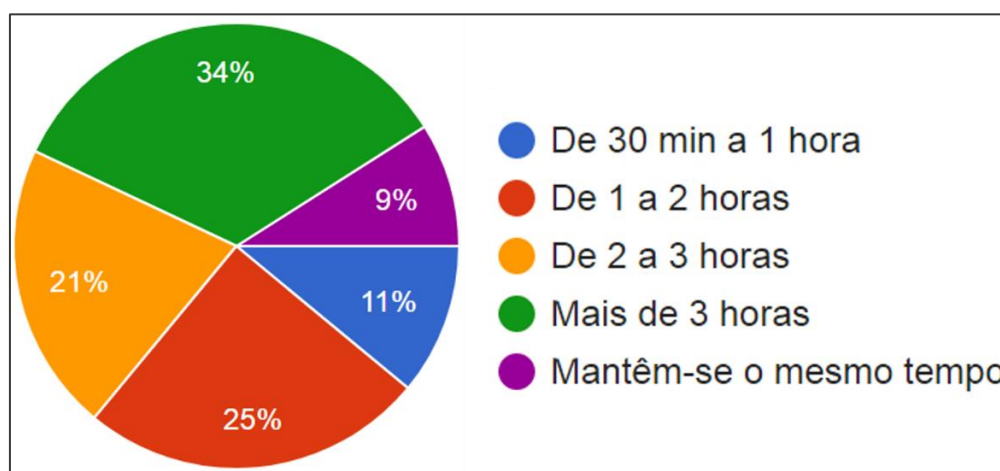
“Está sendo bastante estressante. O volume de trabalho aumentou muito, resultando num aumento no tempo que dedicamos a ele. Estamos à disposição dos alunos praticamente o dia todo, e não raramente nos finais de semana”.

Analisando os relatos destacados nos parágrafos acima, fica claro o quão difícil está sendo o trabalho *home office*, dedicando-se quase que exclusivamente às

atividades escolares. Grande parte do tempo dedicado ao trabalho é devido às dificuldades impostas pela nova modalidade de ensino como já discutido nas seções 6.1.3 e 6.1.4, nas quais aproximadamente 71% nunca tiveram experiência com o ensino a distância, de tal modo precisam estudar e aprender uma nova metodologia de acordo com a nova realidade, o que demanda tempo, um reflexo disso é o tempo a mais gasto pelo educador para preparar as aulas.

A figura 7 ilustra o tempo a mais que os professores estão gastando para preparar as aulas em comparação ao período que a atividade exigia antes da pandemia, ficando evidente que a demanda está maior. Apenas 9% dos respondentes relataram estar mantendo o mesmo tempo de trabalho quando comparado ao período pré-pandemia; 21% estão utilizando de 2 a 3 horas a mais e 35% utilizam mais de 3 horas para preparar suas aulas.

Figura 7: Tempo que o professor tem levado para preparar as aulas quando comparado antes pandemia.



Alguns dos fatores, que estão influenciando no tempo gasto para preparar as aulas, são as dificuldades com os meios tecnológicos, já que 55% dos respondentes relatam enfrentar dificuldade com a gravação e edição de vídeos, 37% apontam possuir dificuldades com as plataformas online de ensino e 8% dificuldade de acesso à internet. Esse fato é destacado por uma professora do ensino fundamental II e médio da rede privada de ensino, que por morar na periferia não possui internet de qualidade para o trabalho em casa, o que acaba acarretando em dificuldades e cobranças.

“Apesar de já não ser a favor do EaD na educação básica procuro fazer o melhor na situação emergencial. Entretanto morando na periferia a própria rede de internet não facilita com a velocidade que a operadora fornece. Alguns pais não compreendem a situação e cobram correções instantâneas, serviço personalizado, o que as vezes aumenta a nossa demanda que já é extensa. Sou mãe solo e tenho dedicado 5 dias da semana quase que integralmente as escolas “.

Posto isso, 69% dos respondentes relataram se sentirem sobrecarregados, 63% extremamente cansados e 98% disseram estar dedicando mais tempo ao trabalho como resultado das atividades extras exercidas neste período de pandemia, trazendo o cansaço extremo do docente, bem como desânimo e outros sentimentos que certamente promovem o adoecimento psicológico do professor.

6.1.7. Preocupações do Professor

Além de toda a sobrecarga, o professor tem sofrido com as inúmeras preocupações e incertezas referentes a tudo que está ocorrendo, preocupações com ele próprio, familiares e seus alunos.

Quando questionados sobre o nível de preocupação com sua saúde física, 56% dos professores relatam estarem muito ou totalmente preocupados, enquanto 36% disseram estar pouco preocupados. Um padrão bem semelhante é percebido em relação à saúde mental, já que 61% encontram-se muito preocupados ou totalmente preocupados. Neste momento, mostra-se maior preocupação com a saúde familiar em que aproximadamente 87% dos respondentes relatam estarem muito ou totalmente preocupados.

Os educadores demonstram a preocupação com o futuro e temor de um retorno precoce das aulas presenciais, sem protocolos de segurança efetivos previamente estabelecidos e ausência de vacinas. Neste ponto, devemos ressaltar a precariedade de grande parte das escolas públicas brasileiras, onde já é de conhecimento comum a falta de materiais de higiene, como papel toalha, papel higiênico, sabonetes, bem como a baixa frequência de limpeza destes ambientes, entre outros.

A pandemia, decorrente da disseminação de um vírus, necessita que hábitos adequados de higiene sejam os principais mecanismos para evitar o contágio, porém,

o controle sanitário torna-se custoso ao analisar a realidade das escolas, com salas de aula com 40 alunos e instituições muitas vezes precarizadas, que não possuem os insumos básicos para limpeza e higiene.

Segundo a ONU, 39% das escolas brasileiras não possuem estruturas para higienização das mãos. Em 2018, foi constatado que 26% das escolas não possuíam abastecimento público de água e 49 % sequer possuía acesso a rede de esgoto (ONU, 2020b). Neste contexto, o retorno precoce às aulas pode servir como promotor da disseminação da infecção, colocando a saúde de professores, alunos e familiares em risco. Essa preocupação é relatada por alguns professores, entre eles uma professora do ensino fundamental I e do ensino infantil.

Relato: Professora do ensino fundamental da rede municipal.

“Temo pelo retorno precoce das atividades escolares, considerando que os docentes estão entre os profissionais mais vulneráveis ao coronavírus e pelo espaço de aglomeração, falta de condições materiais de higiene já existentes, e outros fatores, a disseminação tende a agravar nestes espaços”.

Relato: Professora do ensino infantil da rede municipal.

“Minha maior preocupação no dia de hoje é a possibilidade de um retorno súbito, sem organização nem protocolos ou com protocolos genéricos que não atendam às especificidades da educação infantil. Ainda me preocupa muito pensar na bomba relógio que possa significar esse contexto. Além disso, me preocupo bastante com o crescimento da desigualdade que se constrói nesse momento de crise”.

Outra preocupação que ficou evidente na fala dos professores é em relação a como está ocorrendo o processo de aprendizado. Está sendo efetivo? Que consequências isso acarretará no futuro? Esses são alguns dos questionamentos que grande parte dos professores estão tendo neste momento, e muitas vezes não podem obter uma resposta, visto que não conseguem ter um contato direto com o educando, como eventualmente ocorre em sala de aula. Nas falas abaixo é notório mais uma das preocupações que tem afligido o educador no que diz respeito aos seus alunos, a preocupação com a saúde emocional e mental pelo qual estão passando.

Relato: Professora do ensino médio da rede federal.

“...minha maior preocupação é de que eles não consigam encontrar equilíbrio emocional/mental para continuar um aprendizado eficiente, pois assim será um período letivo perdido. Além disso, acredito que não deveria haver nenhum vestibular e nem o ENEM esse ano, justamente por essa falta de equilíbrio que os alunos estão tendo, algo que pode prevalecer muitos em função de outros”.

Relato: Professora do ensino fundamental I da rede privada.

“Além da saúde de todos, me preocupo com meus alunos para que mesmo que o conteúdo não seja ministrado como planejado, eles possam se resilientes e conquistar seus objetivos desenvolvendo e fortalecendo suas emoções. Se não der para ensinar conteúdos, que eu pelo menos faça a diferença na vida deles”.

As falas acima destacam a empatia do professor para com seus alunos, o sentimento de preocupação é inerente ao ser, porém, neste período acaba-se sobressaindo em razão das dificuldades e incertezas impostas por um vírus pandêmico. O docente, na maioria das vezes, possui o conhecimento da realidade dos alunos, bem como sua situação social e familiar, que nem sempre são boas, assim, o professor passa a refletir sobre como seus alunos estão enfrentando e em quais condições, aumentando ainda mais suas apreensões.

6.1.8. Apoio ao Professor

Conhecendo todas as dificuldades e o curto período de adequação ao qual o professor foi submetido, é de extrema importância que ele receba algum tipo de apoio da escola ou estado. Logo buscou-se entender quais as atitudes já estão sendo tomadas para o suporte docente, bem como os tipos de apoio que o professor julga precisar.

Entendendo as consequências do estresse que o professor está vivenciando, decorrente das questões laborais, questionou-se o quanto as escolas estão fornecendo algum tipo de suporte emocional/psicológico, e como resultado, apenas 16% dos respondentes afirmaram estar recebendo algum tipo de suporte emocional (figura 8).

No momento atual de isolamento, o suporte emocional ou psicólogo é imensamente significativo, dado que grande parte dos professores relatam estarem

sob pressão no trabalho, devido a cobranças por parte administrativa, alunos ou mesmo dos pais dos educandos. Há muito tempo a cobrança e pressão sobre o educador é observada e descrita na literatura, Fontana (1998, p. 408), descreve “os professores encontram uma gama constante de pressões das crianças, dos colegas, dos pais, de políticos e administradores, muitas delas conflitantes e impossíveis de atender”. Nos relatos dos professores é perceptível não só a pressão, como também as exigências as quais o professor está exposto nesse período.

Relato: Professor do ensino médio e técnico/profissionalizante da rede estadual.

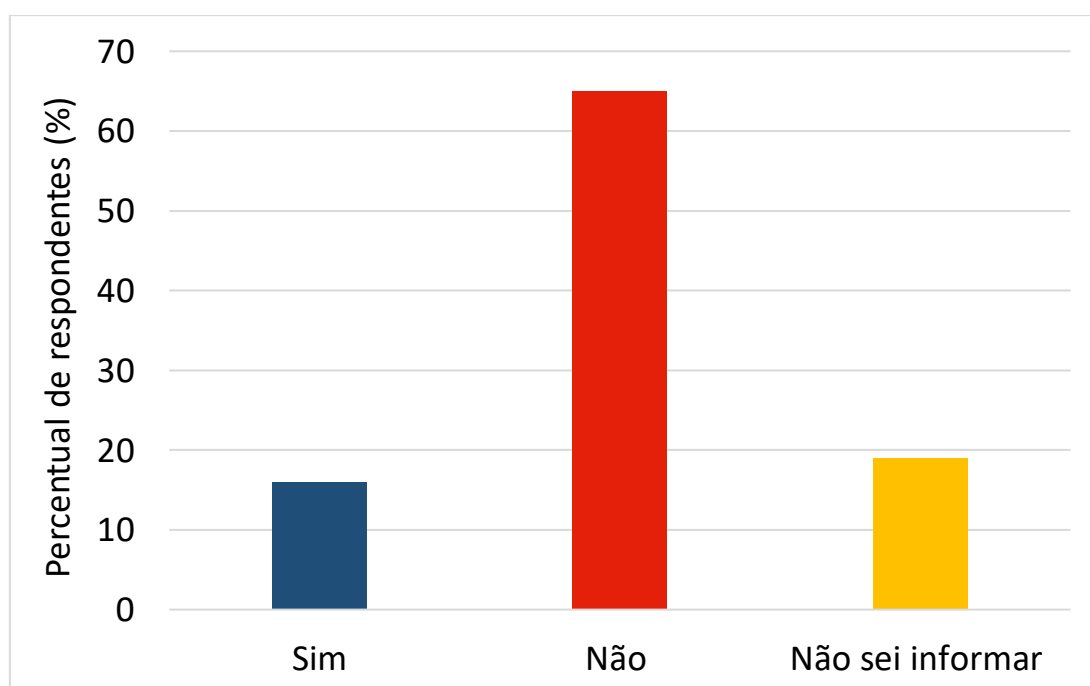
Apoio psicológico. “Estamos sofrendo muita pressão no trabalho.

Relato: Professora do ensino fundamental II e médio da rede privada.

“...Alguns pais não compreendem a situação e cobram correções instantâneas, serviço personalizado, o que as vezes aumenta a nossa demanda que já é extensa...”

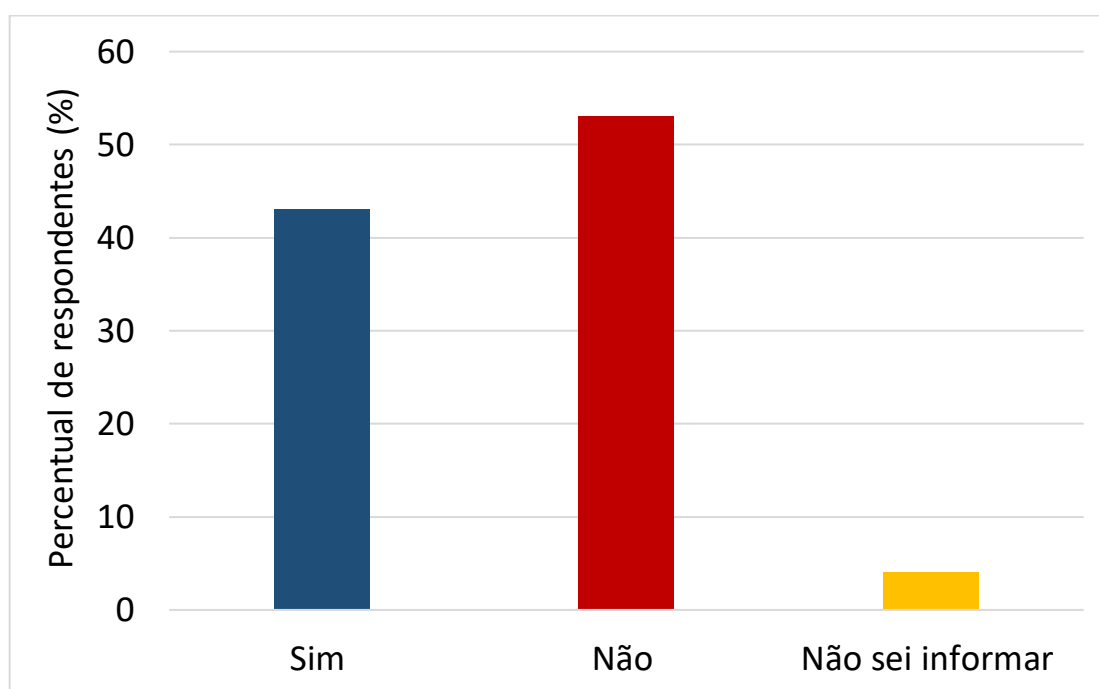
Neste sentido, o apoio psicológico para os docentes seria um suporte muito importante e de imensurável valor, que ajudaria o professor a superar as dificuldades e sobrecarga mental enfrentadas.

Figura 8: Porcentagem de professores que estão recebendo algum tipo de apoio emocional ou psicológico da instituição de ensino.



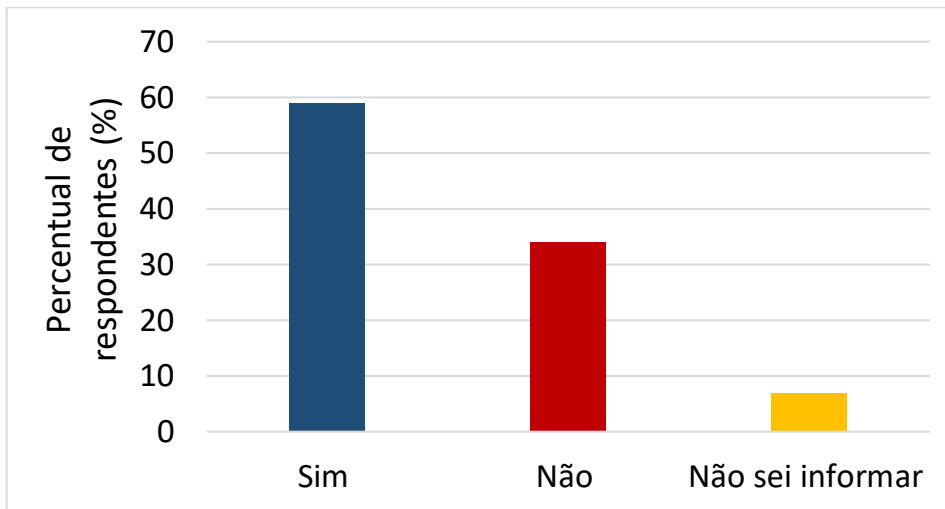
Decorrente da grande maioria dos professores nunca terem tido contato com o ensino on-line, o treinamento para auxílio nos ambientes virtuais se torna ainda mais significativo. Porém, a realidade de um suporte ou treinamento técnico não é para todos, e apenas 43% dos respondentes descreveram estar recebendo alguma forma de treinamento (figura 9). Conseqüentemente, devido à ausência deste tipo de apoio o educador pode ter ainda mais dificuldades de empregar a tecnologia em suas aulas, resultando em transtorno e elevando os níveis de estresse, sentimentos de incapacidade e fracasso, interferindo significativamente no bem-estar e produtividade profissional do educador.

Figura 9: Porcentagem de professores que recebem algum treinamento da instituição de ensino.



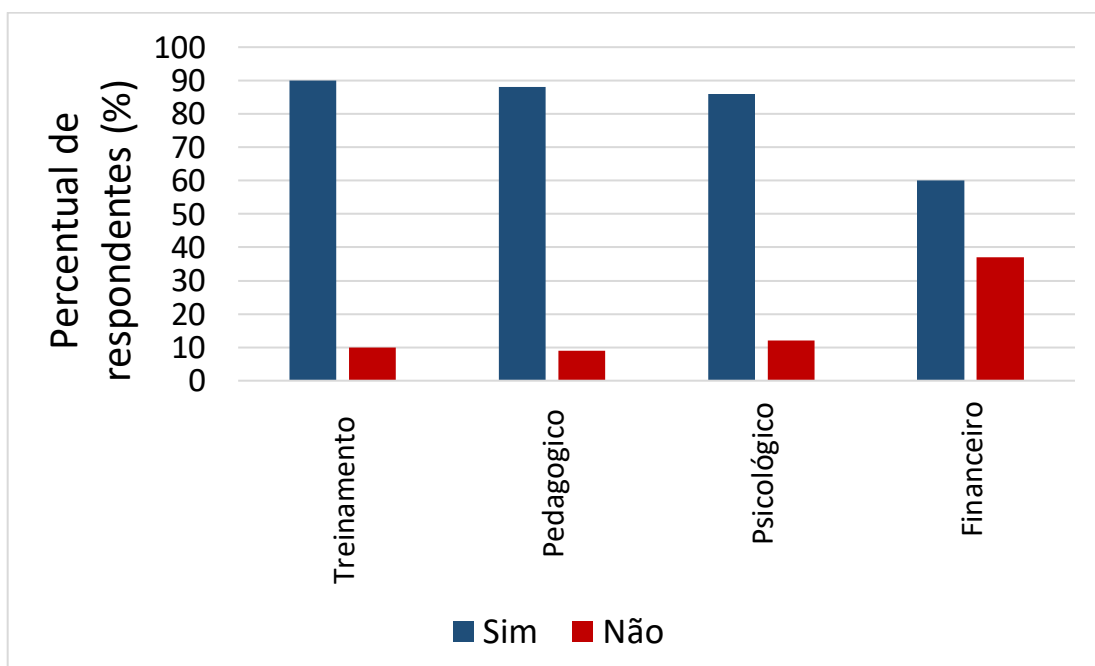
Para poder manter o ensino mesmo durante o distanciamento social, parte das instituições de ensino, sejam elas particulares ou públicas, precisaram passar por algum tipo de adaptação para atender as necessidades exigidas pela nova modalidade que está sendo empregada no momento. No entanto, nesta pesquisa observou-se que nem todas as instituições adaptaram seus currículos aproximadamente 60% dos docentes (figura 10) relataram que suas instituições buscaram realizar as adequações necessárias para implementação das aulas online.

Figura 10: Porcentagem de docentes que relataram que houve adaptação do currículo escolar.



Tendo em vista os pontos sobre o apoio ao professor, perguntou-se quais tipos de apoio eles/elas julgam mais importantes neste período? Os resultados representados na figura 11 colaboraram com os demais, onde 90% relataram o treinamento, 88% gostariam de receber algum tipo de apoio pedagógico, 86% psicológico/emocional e 60% declararam que seria importante receber o algum tipo de suporte financeiro.

Figura 11: Compilado em percentual de qual tipo de apoio o professor gostaria de receber.



Aproximadamente 60% dos respondentes descreveram a necessidade de suporte financeiro, e nas falas descritas a seguir, pode-se notar o quão importante seria este tipo de amparo para o professor. Frequentemente o docente é forçado a investir em equipamentos, mesmo sem possuir condições financeiras para suportar tais gastos. Os relatos reportados a seguir demonstram essa preocupação.

Relato: Professora do ensino médio da rede privada.

“Tive que fazer uma dívida que não queria para comprar um notebook novo porque o anterior estava travando o tempo todo por ser simples e com pouca memória para suportar as atividades”.

Relato: Professora do ensino fundamental II e médio da rede privada.

“Com a nova modalidade noto o quanto precisamos investir em equipamentos para essa nova metodologia e o quanto nossos equipamentos tradicionais estão defasados”.

Outras opções relatadas pelo professor seriam referentes a manutenção de equipamentos utilizados por eles utilizado no preparo das aulas. Uma professora do ensino fundamental II e médio da rede privada de ensino indagou essa necessidade.

“Apoio de manutenção dos equipamentos utilizados e auxiliares na aula”.

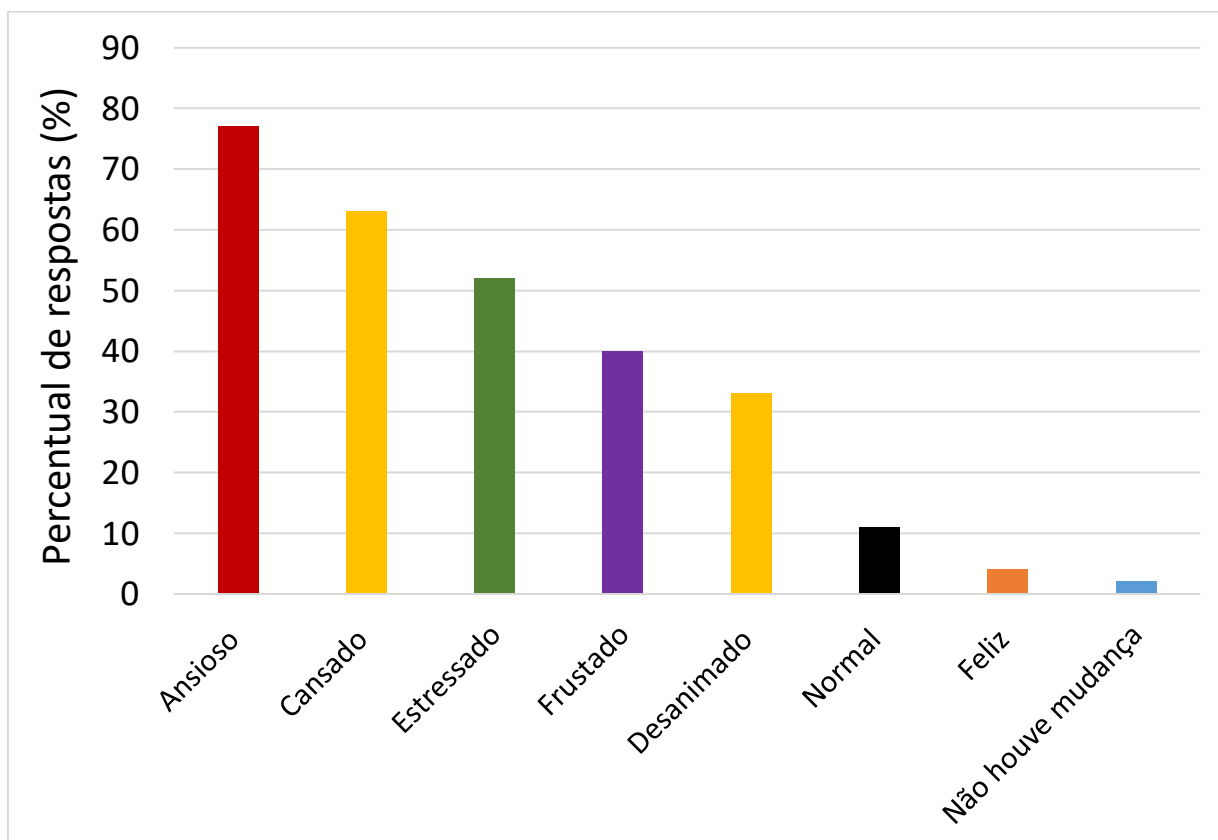
É de conhecimento comum que equipamentos eletrônicos podem facilmente estragar ou apresentar algum tipo de defeito, sendo assim, carecem de manutenção, o que na grande maioria das vezes está além do conhecimento do professor, carecendo de mão de obra especializada, que em muitas das vezes não é acessível.

6.2. Sentimentos do professor

De acordo com o Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP) (2012, p. 3), os transtornos psíquicos ocuparam o primeiro lugar entre os diagnósticos que provocaram o afastamento dos docentes (APEOESP,

2012). Valendo-se desta informação, buscou-se levantar quais são os sentimentos do professor na atual situação e como isso pode favorecer o surgimento de alguns transtornos. A figura 12 ilustra um compilado dos sentimentos apresentados pelo professor.

Figura 12: *Sentimentos relatado pelos professores durante a pandemia.*



No decorrer da pesquisa foi verificado que apenas 2% dos respondentes relataram que não houveram mudanças em relação ao seu sentimento antes da pandemia; 4% se sentem felizes e 11% relatam “Normal”, ou seja, na maioria das vezes não ocorrem muitas variações de sentimento.

6.2.1 Ansiedade

Realizando um apanhado de todos os sentimentos relatados pelos professores ficou evidente que maioria estão passando por uma sobrecarga de variados sentimentos e, a maioria relatou sentimentos negativos, por exemplo, a ansiedade, apontada por 77% dos respondentes (figura 12). Segundo o Ministério da Saúde

(2015), “a ansiedade estimula o indivíduo a entrar em ação, porém, em excesso, faz exatamente o contrário, impedindo reações”. Isso poderia ser o precursor para o início do desenvolvimento de algumas formas de transtornos (ex: transtornos de humor) ou até mesmo outras condutas patológicas, aponta Trindade (2018. P 48).

Os transtornos de ansiedade estão estritamente relacionados ao funcionamento do corpo, bem como as experiências vividas. É possível que o indivíduo mesmo que por nenhuma razão se sinta ansioso pela maior parte do tempo ou apenas algumas vezes, mas de maneira tão forte, que o indivíduo poderá se sentir imobilizado. O desconforto acarretado pelo transtorno de ansiedade, pode ser tão significativo para a pessoa, que a impede de realizar coisas simples (como entrar em uma sala de aula), na busca pela amenização desta inquietação (BRASIL, 2015). Durante o período de distanciamento social, este tipo de sentimento se potencializou, em razão da falta de contato interpessoal devido a todos os processos de adaptação repentina aos quais o professor foi exposto, evidenciado na fala de um professor do ensino superior.

“Tem sido, de certa forma, um período de aprendizagem. Entretanto, sem apoio algum, basicamente tive que me virar para aprender tudo por conta própria, o que gerou muita ansiedade no início, pois não sabia o que esperar. O medo de não conseguir ensinar os alunos da forma correta e pior, não saber como seria a aprendizagem deles”,

6.2.2 Estresse

O estresse aparece entre os sentimentos mais citados pelos professores, cerca de 52% dos respondentes (figura 12). Ao longo dos anos, o estresse vem se tornando um problema muito comum entre a classe profissional docente, certamente, devido às situações complexas e desgastantes enfrentadas em sua rotina de trabalho. Segundo Fontana (1998, p. 408), “por sua natureza, a profissão do professor é uma ocupação estressante”.

Desde 1980, a OMS reconhece o estresse como um dos principais fatores do decréscimo da qualidade de vida dos trabalhadores. Atualmente, o estresse tem diversas definições, mas neste trabalho iremos abordar o estresse ocupacional, como a incapacidade ou dificuldade do indivíduo em lidar com as condições adversas

impostas pelo ambiente de trabalho, gerando o sofrimento frequente, esgotamento psicológico e físico (SILVEIRA et al., 2014; WEBER et al., 2015; DALAGASPERINA; KIELING MONTEIRO, 2016).

Neste momento, vale ressaltar que o estresse pode ser dividido em três estágios: alerta, resistência e exaustão. A fase de alerta é uma reação comum e básica, que busca atender às exigências para defender o organismo de ameaças que coloquem em risco sua integridade, após o encontro com o causador do estresse, também conhecido como estressor, seja ele consciente ou não, inicia-se a fase de resistência. Nessa fase o corpo passa a trabalhar para se manter em equilíbrio, buscando adaptar-se ao agente estressor; caso o agente estressor persista, tornando-se crônico, inicia-se a fase de exaustão, onde os processos de adaptação começam a falhar, ocasionando déficit e esgotamento das reservas de energia e instalação de patologias (SELYE, 1959; ARAÚJO et al., 2015).

Fontes de estresse no trabalho docente são a sobrecarga trabalhista, pressão por produtividade, desvalorização profissional, ausência de controle sobre a tarefa, ritmo acelerado, falta de material, salas com número excessivo de alunos, salário inadequado, alta responsabilidade, ausência de resultados percebidos, curto prazo para realização de tarefas, precarização da estrutura física escolar, conflitos, entre outros (ROCHA; FERNANDES, 2008; SILVEIRA et al., 2014). Vale lembrar, mesmo com toda as exigências e pressão exercidos sobre o profissional da educação, a remuneração docente encontrar-se entre as piores, não permitindo ao menos uma boa qualidade de vida.

Durante o período de pandemia, a carga trabalhista do professor tem se intensificado ainda mais, ocasionando o aumento do estresse laboral.

6.2.3 Frustração

O sentimento de frustração foi declarado por aproximadamente 40% dos respondentes (figura 12). Segundo Faiad (2016), a frustração é inerente ao ser humano e é entendida como um sentimento negativo oriundo da insatisfação por algo realizado ou da necessidade de algo que seja importante para o sujeito (FAIAD; PASQUALI; PRIMI, 2016). As pressuposições da Teoria Clássica e da Psicanálise (ROSENZWEIG et al., 1938), a frustração um acontecimento derivado das situações

de privação, conflitos, impedimento da satisfação ou devido a traumas vivenciadas pelo indivíduo (MOURA, 2008). Portanto, podemos afirmar que a frustração ocorre quando o indivíduo encontra alguma barreira ou algo que por qualquer motivo acarreta em impedimento da satisfação.

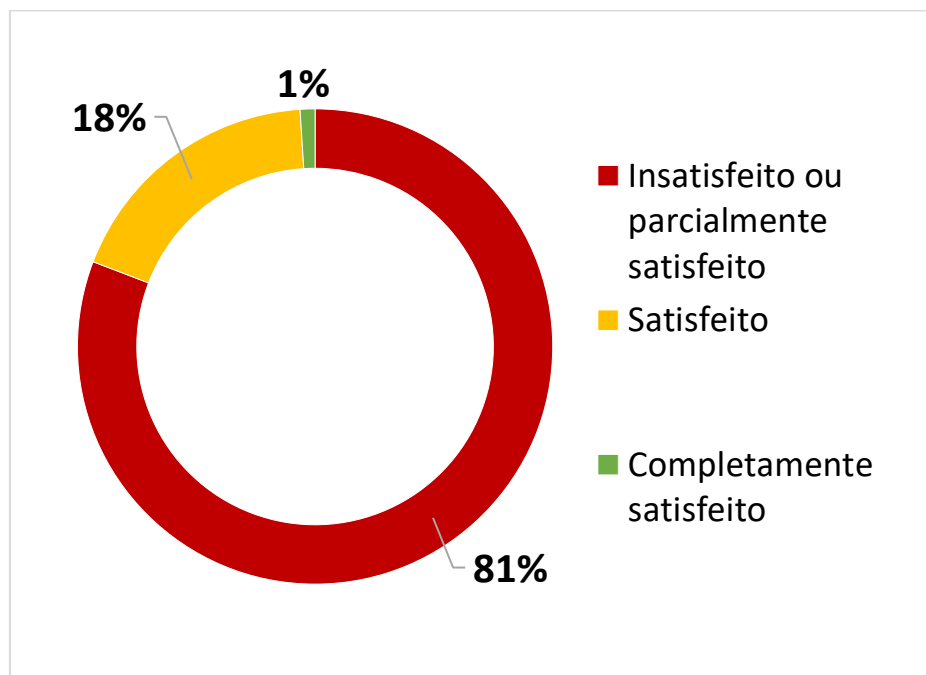
Moura e Pasquali (2006), descrevem que a maneira de enfrentamento da frustração é considerada uma das variáveis envolvidas no bem-estar do profissional, o que interfere significativamente no desempenho do trabalhador (MOURA; PASQUALI, 2006).

Nesta perspectiva, o sujeito pode manifestar inúmeras reações buscando solucionar o problema que o impede da satisfação. Portanto, estes comportamentos são: “a) *eliminação do problema (atacar, agredir, destruir, hostilizar)*; b) *evitação do problema (fugir, ignorar, desviar, sublimar, descaracterizar)*; c) *diálogo com o problema (entrar em acordo, procurar saídas alternativas, implorar)*” (FAIAD; PASQUALI; PRIMI, 2016)

Este período delicado e de grandes mudanças, é favorável ao surgimento do sentimento de frustração no professor, já que estão passando por novas experiências, aprendendo outras formas de ensino, sendo comuns erros e empecilhos quando o sujeito está aprendendo algo novo. Para o docente não é diferente, uma vez que as chances de não dar certo ou não obter resultados satisfatórios são bem grandes, aumentando o sentimento de frustração.

Outros fatores que podem estar colaborando para esse sentimento é o de insatisfação com a aula ministrada ou elaborada. Na figura 13 pode-se notar que 81% dos respondentes de alguma forma encontram-se insatisfeitos ou apenas parcialmente satisfeito com o trabalho realizado on-line.

Figura 13: Nível de satisfação dos professores com suas aulas on-line.



6.2.4 Desânimo

O desânimo também foi descrito por boa parte dos docentes, mais precisamente 33% (figura 12). O desânimo é um reflexo dos outros sentimentos, principalmente o de frustração pelos objetivos não alcançados e sentimento de fracasso laboral, acarretando no esgotamento profissional promovido pelas diversas dificuldades enfrentadas neste momento de pandemia.

No relato abaixo feito por uma professora do ensino médio da rede federal, nota-se claramente como está sendo a realidade do professor em trabalho *home-office*, o desânimo sentido pelo indivíduo, sentimento de despreparo e de auto cobrança.

“Horrível, desanimador. Você não tem como cobrar os alunos porque você mesma não se sente apta a se cobrar, então essa onda de cobranças faz com que o clima piore cada vez mais. Dou aula online apenas por voz e os alunos digitam, o máximo numa aula que já chegamos de alunos foi 7/8 alunos, sendo que nem todos respondem e/ou conversam com a gente, de +30 alunos matriculados. É realmente difícil continuar preparando matérias, atividades, sabendo que você está desanimada, e ainda mais os alunos”.

Nesta altura da discussão, é necessário ressaltar que um dos fatores que influenciam diretamente no desânimo do professor é ver uma sala de aula com poucos alunos, que em momentos de aulas presenciais o professor acaba por entender esta evasão como falta de interesse do educando, bem como todos os outros pontos já discutidos, incluindo dificuldades com material didático, tecnológico e contato. Porém, durante o distanciamento social o professor deve ter em mente que não são todos os alunos que possuem condições de acesso à internet, material ou meios tecnológicos para assistirem às aulas.

6.3. Saúde Mental

De acordo com a OMS a saúde mental vai muito além da mera ausência de transtornos mentais, e sim um estado completo de bem-estar, mental, físico e social, permitindo ao sujeito realizar suas habilidades, lidar com tensões, produtividade no trabalho e sendo capaz de realizar contribuições a comunidade na qual está inserido. A saúde mental é essencial para a sobrevivência do ser humano, seja ela coletiva ou individual, dado que nos permite interagir com outros indivíduos, controlar nossas emoções e raciocinar (OMS, 2016).

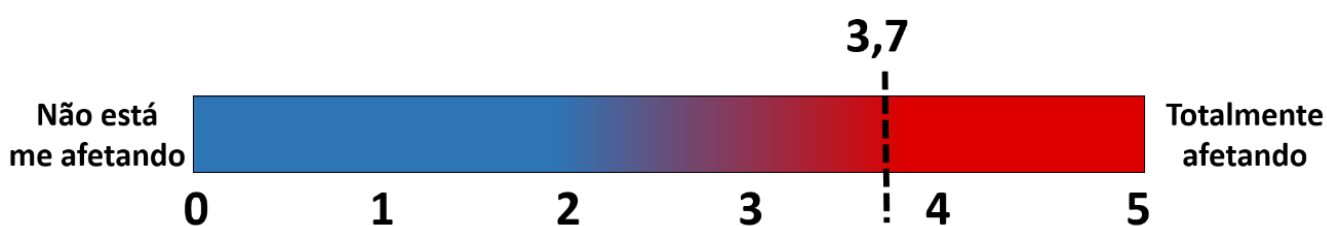
Manter ou ter uma saúde mental saudável não é uma realidade tão comum para muitos professores, além de todos os sentimentos relatados pelos respondentes apresentados na seção anterior, estes são fatores como, tensões, cobranças, entre outros, certamente contribuem para o desequilíbrio psíquico do indivíduo.

No ano de 2018, apenas a capital de São Paulo, registrou em torno de 22.000 afastamentos, esse valor é proporcional a 40% de todos os afastamentos de profissionais da educação. Foram cerca de 62 afastamentos por dia, entre estes transtornos, encontram-se estresse, ansiedade, depressão, síndrome do pânico entre outros. Quando os dados são referentes ao estado de São Paulo, segundo o Departamento de Perícias Médicas do Estado (DPME), foram cerca de 53.162 licenças por transtornos mentais (CARDOSO, 2019; GIAMMEI; POLLO, 2019).

A pandemia ocasionada pelo novo coronavírus proporcionou o agravamento dos agentes estressores sobre o docente. Todos os fatores anteriormente mencionados, estão de alguma forma relacionados aos professores respondentes da

pesquisa. Quando questionados sobre o quanto todas estas preocupações parecem estar afetando sua saúde mental, em uma escala de 0 a 5, sendo 0 não está me afetando e 5 totalmente afetando, obteve-se uma média de 3,7 como pode-se observar na figura 14. O valor é considerado alto.

Figura 14: Escala do nível de quanto as preocupações estão afetando a saúde mental do professor.



Analisando os resultados obtidos na pesquisa em relação aos sentimentos dos professores, nota-se a manifestação de ansiedade, estresse, frustração, desânimo e “sono deturpado” como relatou uma professora do Ensino de Jovens e Adultos (EJA), Ensino Técnico/Profissionalizante. Todos estes estão enquadrados nos principais sintomas de adoecimento mental, também denominados Transtornos Mentais Comuns (TMC), considerados uma representação de sofrimento psíquico, porém não enquadrado como psicótica (TRINDADE; MORCERF; DE OLIVEIRA, 2018).

Com o passar dos anos o papel do professor sofreu inúmeras modificações. Atualmente, seu papel superou o de mediação do conhecimento e a escola passou para o profissional a responsabilidade de superar as deficiências existentes na instituição, seja ela pública ou privada, estabelecendo meios rígidos de avaliação, sem levar em consideração as condições de trabalho a qual o professor está exposto. Indispensavelmente, torna-se missão do professor superar essas circunstâncias, as quais passam a exigir da sua capacidade cognitiva, físicas e afetivas, buscando atingir uma boa qualidade de ensino para o educando e gerando um esforço excessivo das suas funções psicofisiológicas. O professor acaba sofrendo grande desgaste físico e mental para realizar seu trabalho, desencadeando possíveis transtornos mentais comuns, que podem ser expressos na sua forma mais leve ou até mesmo mais graves, como depressão.

Uma reflexão da pressão sofrida sobre a saúde mental do professor neste momento de pandemia, é o início do uso medicamentoso para o tratamento de TMCs, como relatado por uma professora do ensino fundamental I.

“Iniciei uso de medicamento tarja preta na veia, diazepam, nunca na vida havia se quer chegado perto desses medicamentos”.

Desta forma, torna-se ainda mais necessário o apoio psicológico e emocional aos professores, que continuam suas jornadas de trabalho por meio do ensino remoto, para garantir a continuidade do ensino durante a pandemia da COVID-19.

6.4. Síndrome De Burnout

Entendendo a discussão já relatada, referente aos sentimentos dos professores, torna-se imprescindível uma breve discussão sobre um dos problemas contemporâneos mais relevantes no contexto profissional trabalhista, decorrente do estresse ocupacional, exaustão emocional e despersonalização, advindo da redução de habilidades emocionais, que lhes permitia lidar com situações estressoras do cotidiano, representando uma ameaça não somente para a saúde do professor, mas também para os demais trabalhadores da sociedade (TIBÚRCIO; MORENO, 2009). Alguns autores apontam que aproximadamente 40 % dos professores apresentam algum sintoma da Síndrome de Burnout (GARCIA, 2003; LEVY; NUNES SOBRINHO; SOUZA, 2009; TIBÚRCIO; MORENO, 2009; SANTOS; SOBRINHO, 2011).

Em decorrência de todos estes sentimentos ou sofrimentos despertados, principalmente pelo trabalho ou suas condições, há a facilitação do surgimento de algumas síndromes, como a Síndrome de Burnout, também conhecida como a síndrome da desistência, perda de energia, que vem se tornando cada vez mais recorrente no meio docente, estando estreitamente relacionada ao esgotamento da energia profissional e sofrimento no trabalho, afetando significativamente a saúde mental e física do profissional (KUENZER, 2004; SILVA, 2006; TEIXEIRA, 2013; MENDES, 2015).

Apesar de ainda não ter uma definição unânime sobre a Síndrome de Burnout, há um consenso entre pesquisadores da área, que a síndrome é uma resposta clara ao estresse trabalhista crônico. Alguns pesquisadores, como Tibúrcio e Moreno

(2009), relatam à docência como um serviço muito desgastante e estressante o que podem facilmente repercutir na saúde mental, física e no desempenho do profissional, tornando-os mais suscetíveis ao desenvolvimento da síndrome e suas patologias (WOOD, TERI; MCCARTHY, CHRIS, 2002; TIBÚRCIO; MORENO, 2009).

De acordo com a 11ª Revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-11) “Burnout é uma síndrome conceituada como resultante do estresse crônico no local de trabalho que não foi gerenciado com sucesso” (OPAS BRASIL, 2019). Os sintomas mais comuns dessa síndrome são: esgotamento profissional devido à baixa realização profissional e exaustão emocional. De acordo com Trigo et al. (2007):

“A exaustão emocional abrange sentimentos de desesperança, solidão, depressão, raiva, impaciência, irritabilidade, tensão, diminuição de empatia; aumento da suscetibilidade para doenças, cefaleia, náuseas, tensão muscular, dor lombar ou cervical, distúrbios do sono. O distanciamento afetivo provoca a sensação de alienação em relação aos outros, sendo a presença destes muitas vezes desagradável e não desejada” (p.225).

O quadro 2 ilustra os sinais e sintomas desta síndrome, sejam eles psíquicos, comportamentais ou físicos.

Quadro 2: Quadro dos principais sintomas e sinais da Síndrome de Burnout.

Físicos	Comportamentais
Fadiga constante e progressiva	Negligência ou excesso de escrúpulos
Distúrbios do sono	Irritabilidade
Dores musculares ou osteomusculares	Incremento da agressividade
Cefaleias, enxaquecas	Incapacidade de relaxar
Perturbações gastrointestinais	Dificuldade na aceitação de mudanças
Imunodeficiência	Perda de iniciativa
Transtornos cardiovasculares	Aumento do consumo de substâncias
Distúrbio do sistema respiratório	Comportamento de alto-risco
Disfunções sexuais	Suicídio
Alterações menstruais nas mulheres	
Psíquicos	Defensivos
Falta de atenção, de concentração	Tendência ao isolamento
Alterações de memória	Sentimentos de onipotência
Lentificação do pensamento	Perda do interesse pelo trabalho
Sentimentos de alienação	Absenteísmo
Sentimentos de solidão	Ironia, cinismo
Impaciência	
Sentimentos de insuficiência	
Baixa autoestima	
Labilidade emocional	
Dificuldade de autoaceitação	
Astenia, desânimo, disforia, depressão	
Desconfiança, paranoia	

Fonte: (ANA MARIA T. BENEVIDEAS PEREIRA, 2002).

O Burnout é decorrente de um processo progressivo de estresse e sentimentos negativos, como desesperança, depressão, solidão, raiva, irritabilidade, entre outros, advindos do ambiente trabalhista e da não realização profissional, quando os

sentimentos de estresse se tornam crônicos, o indivíduo é acometido pelo Burnout, deixando-o menos interessado trazendo desgastes e desmotivação profissional.

“[...] os indivíduos que estão neste processo de desgaste estão sujeitos a largar o emprego, tanto psicológica quanto fisicamente. Eles investem menos tempo e energia no trabalho fazendo somente o que é absolutamente necessário e faltam com mais frequência. Além de trabalharem menos, não trabalham tão bem. Trabalho de alta qualidade requer tempo e esforço, compromisso e criatividade, mas o indivíduo desgastado já não está disposto a oferecer isso espontaneamente. A queda na qualidade e quantidade de trabalho produzido é o resultado profissional do desgaste” (TRIGO; TENG; HALLAK, 2007) p. 230)

Os processos decorrentes da síndrome têm trazido diversas implicações na vida pessoal e social do indivíduo, acarretando em danos físicos, mas principalmente psicológicos. Sua relação com o trabalho acaba sendo a mínima possível, buscando amenizar o sofrimento, acarretando em prejuízos na relação professor-aluno, professor-trabalho e conseqüentemente no ensino e aprendizagem, o impossibilitando-o de desempenhar sua função com qualidade.

7. Conclusão

Por meio da presente pesquisa foi possível verificar as dificuldades durante o processo de adequação do professor a uma nova modalidade de ensino. A maioria dos educadores, entorno de 67% dos respondentes, são do gênero feminino e sendo assim, estão significativamente mais suscetíveis a dupla jornada trabalhista.

Um total de 71% dos respondentes relatou que nunca tiveram qualquer tipo de experiência com o ensino remoto, portanto, estão tendo que aprender sozinhos desde o processo básico, o que acaba ocasionando sobrecarga trabalhista devido às dificuldades encontradas para prepararem as aulas. Um reflexo disso é o tempo a mais que o professor tem levado para preparar as aulas, quando comparados com o tempo antes da pandemia e suspensão das aulas presenciais: 21% estão levando de 2 a 3 horas e 35% mais de 3 horas para prepararem suas aulas.

Pode-se observar que a maioria dos respondentes é composta por um grupo mais jovens: 37% estão entre 18 e 29 anos e 53 % são formados a menos de 10 anos. Porém, mesmo assim encontram dificuldades com uso de recursos tecnológicos para o ensino remoto, o que pode ser atribuído ao processo de formação do docente.

Outro ponto que vale ser ressaltado é em relação às preocupações do professor durante o momento de distanciamento social. Após relatos de preocupação com a saúde própria e de seus familiares, o professor apresentou grande apreensão com o educando e seu bem-estar, saúde mental e principalmente sobre como está o processo de aprendizado do aluno, se está sendo efetivo ou não. Eles atribuíram esta preocupação à falta de *feedback* do discente pela ineficácia ou falta de interação aluno-professor decorrentes da falta de preparo das escolas e professores para essa situação.

Apesar de todas as dificuldades encontradas pelo educador neste período, a falta de apoio e amparo para melhoria em suas condições de trabalho foi notoriamente apontado pelo professor, entre eles, o apoio emocional, onde apenas 16% dos respondentes afirmam estar recebendo apoio psicológico da instituição. Em relação ao treinamento para realização de atividades on-line, 43% relataram estarem recebendo este tipo de suporte. Outra forma de suporte que os educadores indagaram ser importante é o suporte técnico, uma vez que possuem dificuldades com a

tecnologia e plataformas. Outro apontamento foi o suporte financeiro, pois é inevitável que o professor tenha que de alguma forma investir em equipamentos para preparar e administrar suas aulas, ou até mesmo para manutenção dos equipamentos já existentes.

Todo o desgaste físico, mental, psicológico e financeiro, poderiam ao menos ser amenizado, através da implementação de políticas públicas voltadas ao apoio, bem-estar e proteção do professor. Portanto se faz necessário, resgatar a importância do papel do professor na sociedade. Dar-lhes condições adequadas de trabalho, assim como assistência de saúde e reconhecimento profissional.

8. Referências Bibliográficas.

ADUSP. Adusp - Demissões em massa nas universidades particulares atestam conversão acelerada para modalidade EaD e sinalizam desemprego estrutural dos docentes. Disponível em: <<https://www.adusp.org.br/index.php/defesa-do-ensino-publico/3744-demissoes-em-massa-nas-universidades-particulares-atestam-conversao-acelerada-para-modalidade-ead-e-sinalizam-desemprego-estrutural-dos-docentes>>. Acesso em: 1 ago. 2020.

ALESP. ALESP-Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo-Professores temporários e eventuais estão sem salário durante pandemia. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/noticia/?30/04/2020/professores-temporarios-e-eventuais-estao-sem-salario-durante-pandemia>>. Acesso em: 1 ago. 2020.

ANA MARIA T. BENEVIDEAS PEREIRA. Burnout: Quando o Trabalho Ameaça o Bem-Estar do Trabalhador. São Paulo-SP: Casa do Psicólogo, 2002.

APEOESP. APEOESP-Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo - Categoria O: número de professores precarizados cresce em São Paulo. Disponível em: <<http://www.apoesp.org.br/noticias/noticias-2018/categoria-o-numero-de-professores-precarizados-cresce-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 27 ago. 2020.

APEOESP. . sindicato dos professores do ensino oficial do estado de são paulo. A Saúde dos Professores. p. 28, 2012. . Acesso em: 29 jun. 2020.

ARANHA, Maria L. de Arruda. Filosofia da educação. 2. Ed., São Paulo: Moderna, 1996.

ARAÚJO, B. L. de S. et al. estresse ocupacional em docentes de uma instituição de ensino superior da região metropolitana de goiânia. 2015.

Arroyo, M. G. Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2000.

ASSUNÇÃO, A. Á.; OLIVEIRA, D. A. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. Educação & Sociedade, v. 30, n. 107, p. 349–372, ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302009000200003&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 5 jul. 2020.

BASTOS, L. F. C. S.; [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/PAHOWHO](https://www.facebook.com/pahowho). OPAS/OMS Brasil - Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus) | OPAS/OMS. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:co-vid19&Itemid=875#sintomas>. Acesso em: 16 maio. 2020.

BRANDENBURG, C. aspectos gerais sobre a profissão docente e a teoria da sua história: uma reflexão para educadores. p. 5, 2014.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Ansiedade. Disponível em: <<https://bvsmis.saude.gov.br/dicas-em-saude/470-ansiedade>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

CARDOSO, W. Educação tem 62 afastamentos por transtorno mental ao dia - 10/06/2019 - São Paulo - Agora. Disponível em: <<https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2019/06/educacao-tem-62-afastamentos-por-transtorno-mental-ao-dia.shtml>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

CARVALHO, M. R. V. de. Perfil do Professor da Educação Básica. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). p. 67, 2018.

CNE aprova diretrizes para escolas durante a pandemia. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=89051>. Acesso em: 2 maio. 2020.

COSTA, A. R. da. A educação a distância no brasil: Concepções, histórico e bases legais. v. 1, p. 16, 2017.

COUTO, Á.; FUZEIRA, V. Pandemia: demissões em escolas privadas aumentam 100% em 1 mês. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/pandemia-demissoes-em-escolas-privadas-aumentam-100-em-1-mes>>. Acesso em: 1 ago. 2020.

DALAGASPERINA, P.; KIELING MONTEIRO, J. Estresse e Docência: Um Estudo no Ensino Superior Privado. Revista Subjetividades, v. 16, n. 1, p. 37–51, 29 abr. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/5154>>. Acesso em: 1 jul. 2020.

DE AMORIM, M. F. A importância do ensino à distância na educação profissional. v. 1, p. 15, 2012.

DOU. DOU-Diário Oficial da União-PORTARIA Nº 343, DE 17 DE MARÇO DE 2020 - PORTARIA Nº 343, DE 17 DE MARÇO DE 2020 - DOU - Imprensa Nacional. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/web/dou>>. Acesso em: 6 jul. 2020a.

DOU. Diário Oficial da União-DOU-DESPACHO DE 29 DE MAIO DE 2020 - DOU - Imprensa Nacional. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/web/dou>>. Acesso em: 6 jul. 2020b.

DUARTE JR., J. F. Fundamentos Estéticos da Educação. 2. ed. Campinas-SP: Papyrus, 1988.

ESQUERDA DIÁRIO. Absurdo: professores eventuais do Estado de São Paulo estão sem salário em meio a pandemia. Disponível em: <<https://www.esquerdadiario.com.br/Absurdo-professores-eventuais-do-Estado-de-Sao-Paulo-estao-sem-salario-em-meio-a-pandemia>>. Acesso em: 1 ago. 2020.

FAIAD, C.; PASQUALI, L.; PRIMI, R. Construção e evidência de validade do Teste de Reação à Frustração Objetivo. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 32, n. spe, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722016000500224&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 2 jul. 2020.

FERREIRA-COSTA, R. Q.; PEDRO-SILVA, N. Níveis de ansiedade e depressão entre professores do Ensino Infantil e Fundamental. Pro-Posições, v. 30, 2019. Disponível

em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072019000100503&tIng=pt>. Acesso em: 4 dez. 2020.

FONTANA, D. Psicologia para professores. São Paulo: Loyola, 1998.

FREIRE, P. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREITAS, M. E. de; HELOANI, R.; BARRETO, M. ASSÉDIO MORAL NO TRABALHO. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

_____. (2001) A educação na cidade. 5 ed. São Paulo: Cortez.

G1. Sem salários, professores substitutos da rede estadual recorrem a doações em Campinas. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2020/07/03/sem-salarios-professores-substitutos-da-rede-estadual-ficam-sem-renda-em-campinas.ghtml>>. Acesso em: 1 ago. 2020.

GARCIA, L. P. investigando o burnout em professores universitários. p. 14, 2003.

GIAMMEI, B.; POLLO, L. Por que nossos professores estão adoecendo? Disponível em: <<http://estudio.r7.com/por-que-nossos-professores-estao-adoecendo-15102019>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

GOULART JUNIOR, E.; LIPP, M. E. N. Estresse entre professoras do ensino fundamental de escolas públicas estaduais. Psicologia em Estudo, v. 13, n. 4, p. 847–857, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000400023&Ing=pt&nrm=iso&tIng=pt>. Acesso em: 27 jun. 2020.

HELOANI, R.; LANCMAN, S. Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. Production, v. 14, n. 3, p. 77–86, dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65132004000300009&Ing=pt&tIng=pt>. Acesso em: 25 jun. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. Perfil profissional docente no Brasil : metodologias e categorias de pesquisas / Reinaldo Matias Fleuri. Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Brasília: INEP, 2015

IPEA. (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça – 1995 a 2015. [s.l.: s.n.]. . Acesso em: 23 jun. 2020.

KUENZER, A. Z. Sob a reestruturação produtiva, enfermeiros, professores e montadores de automóveis se encontram no sofrimento do trabalho. Trabalho, Educação e Saúde, v. 2, n. 1, p. 107–120, mar. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462004000100007&Ing=pt&tIng=pt>. Acesso em: 13 jul. 2020.

LEVY, G. C. T. de M.; NUNES SOBRINHO, F. de P.; SOUZA, C. A. A. de. Síndrome de Burnout em professores da rede pública. Production, v. 19, n. 3, p. 458–465, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65132009000300004&Ing=pt&tIng=pt>. Acesso em: 22 jul. 2020.

LIMA, E. C. Os sentimentos do professor gerados pelas suas vivências na prática docente: um estudo com docentes em uma escola pública no piauí. 2011. Universidade de Fortaleza – UNIFOR, Fortaleza-Ceará, 2011.

MAROS, C.; SCHMIDT, P.; MACIEL, M. C. de M. Contribuições da educomunicação para a escola como espaço de comunicação participativa e de educação dialógica. v. 3, p. 17, 2010.

MENDES, M. L. M. A tradução do fracasso: burnout em professores do Recife. 2015. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

MOURA, C. F. de. Reação à frustração: construção e validação da medida e proposta de um perfil de reação. 2008. Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2008.

MOURA, C. F. de; PASQUALI, L. Construção de um teste objetivo de resistência à frustração. Psico-USF, v. 11, n. 2, p. 137–146, dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712006000200002&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 3 jul. 2020.

OMS. Saúde mental depende de bem-estar físico e social, diz OMS em dia mundial. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/saude-mental-depende-de-bem-estar-fisico-e-social-diz-oms-em-dia-mundial/>>. Acesso em: 5 jul. 2020.

ONU. ONU-Organização das Nações Unidas-Mais de 9 milhões de professores sem treinamento profissional durante pandemia. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2020/06/1715482>>. Acesso em: 2 ago. 2020a.

ONU. Quase 40% das escolas brasileiras não têm estruturas básicas para lavagem de mãos. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/quase-40-das-escolas-brasileiras-nao-tem-estruturas-basicas-lavagem-maos/>>. Acesso em: 16 ago. 2020b.

OPAS BRASIL. Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde. OPAS/OMS Brasil - CID: burnout é um fenômeno ocupacional. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5949:cid-burnout-e-um-fenomeno-ocupacional&Itemid=875>. Acesso em: 19 jul. 2020.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. A condição dos professores: recomendação Internacional de 1966, um instrumento para a melhoria da condição dos professores. Genebra: OIT/ Unesco, 1984.

CANIVEZ, Patrice. Educar o cidadão? Campinas: Papirus, 1991.

REIS, C. Exaustão de professores "a níveis mais elevados" do que nunca - DN. Disponível em: <<https://www.dn.pt/edicao-do-dia/08-mai-2020/exaustao-de-professores-a-niveis-mais-elevados-do-que-nunca-12155998.html>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

RIBEIRO, B. do P.; NETO, S. de S. Ser professor: uma história no tempo e no espaço – a constituição da profissionalidade docente. s.d.

RIBEIRO, P. R. M. história da educação escolar no brasil. v. 4, p. 15–30, 1993.

ROCHA, V. M. da; FERNANDES, M. H. Qualidade de vida de professores do ensino fundamental: uma perspectiva para a promoção da saúde do trabalhador. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 57, n. 1, p. 23–27, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852008000100005&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 1 jul. 2020.

RODRIGUES, A. C.; SOUSA, N. S. Escola, passado e presente: mudanças sociais e novas exigências para os professores. p. 17, [s.d.]

ROMANELLI, O. de O. *História da Educação no Brasil*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

ROSENZWEIG, S. et al. Frustration as an experimental problem. 1938.

SALES, M. V. S. Uma reflexão sobre a produção do material didático para ead. p. 7, 2005.

SANTOS, A. A. dos; SOBRINHO, C. L. N. Revisão sistemática da prevalência da síndrome de burnout em professores do ensino fundamental e médio. v. 35, p. 299–319, 2011.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Resolução Seduc, de 18/3/2020 – Homologação do ensino a distância. Disponível em: <<https://www.educacao.sp.gov.br/destaque-home/confira-decretos-e-resolucoes-de-educacao-implementados-durante-pandemia/>>. Acesso em: 6 jul. 2020.

SELYE, H. *Stresse: A Tensão da Vida*. São Paulo: Ibrasa, 1959.

SILVA, L. G. M. da; FERREIRA, T. J. O papel da escola e suas demandas sociais. v. 5, n. 2, p. 23, 2014.

SILVA, M. E. P. da. *Burnout: por que sofrem os professores?* 2006.

SILVEIRA, K. A. et al. Estresse e enfrentamento em professores: uma análise da literatura. *Educação em Revista*, v. 30, n. 4, p. 15–36, dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982014000400002&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 1 jul. 2020.

SINPROSP. SinproSP-Sindicato dos Professores de São Paulo- As demissões no ensino superior. Disponível em: <<http://www.sinprosp.org.br/noticias/3973>>. Acesso em: 1 ago. 2020.

TEIXEIRA, V. R. O desgaste na relação dos trabalhadores com o seu trabalho. p. 34, 2013.

TIBÚRCIO, A.; MORENO, C. R. C. Síndrome de burnout em professores do ensino médio de escolas pertencentes à gerência regional de educação e inovação (gerei) do município de Tubarão (SC). p. 15, 2009.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Análise: ensino a distância na educação básica frente à pandemia da COVID-19, 2020. . . Acesso em: 14 jun. 2020.

TOKARNIA, M. CNE-Conselho Nacional de Educação autoriza atividades não presenciais em todas as etapas de ensino. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-04/cne-autoriza-atividades-nao-presenciais-em-todas-etapas-de-ensino>>. Acesso em: 6 jul. 2020.

TRIGO, T. R.; TENG, C. T.; HALLAK, J. E. C. Síndrome de burnout ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, v. 34, n. 5, p. 223–233, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832007000500004&lng=pt&nrm=iso&tlng=en>. Acesso em: 19 jul. 2020.

TRINDADE, M. de A.; MORCERF, C. C. P.; DE OLIVEIRA, M. S. Saúde mental do professor: uma revisão de literatura com relato de experiência. v. 2, p. 18, 2018.

UNESCO. Força-tarefa para Professores pede apoio a 63 milhões de professores afetados pela crise da COVID-19. Disponível em: <<https://pt.unesco.org/news/forca-tarefa-professores-pede-apoio-63-milhoes-professores-afetados-pela-crise-da-covid-19>>. Acesso em: 22 jun. 2020a.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura., Education: From disruption to recovery. Disponível em: <<https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>>. Acesso em: 14 jun. 2020b.

UNISANT'ANNA. Entenda a diferença de EAD e Aulas Remotas do Plano Emergencial de Ensino? Disponível em: <<https://unisantanna.br/uninoticias/entenda-a-diferenca-de-ead-e-aulas-remotas-do-plano-emergencial-de-ensino/>>. Acesso em: 14 jun. 2020.

VASCONCELOS, J. G.; MOTA, B. G. N.; BRANDENBURG, C. Filosofia, cultura e educação. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

VEIGA, R. T.; DE MOURA, A. I.; BARBOSA, F. V. O Ensino à Distância pela Internet: Conceito e Proposta de Avaliação. p. 16, [s.d.]

Viscott, D. S. (1982) A linguagem dos sentimentos. São Paulo: Summus.

WEBER, L. N. D. et al. O estresse no trabalho do professor. *Imagens da Educação*, v. 5, n. 3, p. 40, 12 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/25789>>. Acesso em: 1 jul. 2020.

WOOD, TERI; MCCARTHY, CHRIS. Understanding and Preventing Teacher Burnout. p. 4, 2002. . Acesso em: 24 jul. 2020.

Anexo I – Termo De Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) participante.

Você está sendo convidado a colaborar com o trabalho de conclusão de curso (TCC) conduzido por André Lopes Ferreira, Profa. Dra. Marystela Ferreira e Profa. Dra. Iolanda Cristina Silveira Duarte da Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba-SP (UFSCar-So).

Esta pesquisa tem por objetivo, entender e avaliar como está sendo a adaptação dos professores perante as mudanças que vem ocorrendo no sistema educacional, e como está sendo lidar com a pressão de ter que se reinventar e se adequar a uma nova modalidade de ensino assim como as dificuldades encontradas. Esta pesquisa é destinada a professores de todas as etapas de ensino.

Gostaríamos de contar com sua colaboração em nosso estudo, para isso, você precisa apenas responder e preencher o formulário a seguir.

Lembrando que sua participação é VOLUNTÁRIA e de extrema importância para realização deste projeto. Ao se voluntariar para responder ao questionário, você concorda que os resultados possivelmente sejam publicados em revistas científicas, livros ou congressos, porém, vale ressaltar QUE EM HIPÓTESE ALGUMA SUA IDENTIDADE SERÁ REVELADA.

Sendo assim, antes de prosseguir, de acordo com a resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde do Brasil, é necessário que confirme sua participação ABAIXO.

Desde já agradecemos imensamente sua colaboração!!!

OBS: Parte de nossas questões foram baseadas em pesquisas realizadas pelo Instituto Península. Relatório de Pesquisa “Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do Coronavírus no Brasil.”

Anexo II – Perguntas Aplicadas No Questionário.

1- Qual sua idade?

- 18-29 anos
- 30-39 anos
- 40-49 anos
- 50-59 anos
- 60 anos ou mais

2- Qual seu gênero?

- Masculino
- Feminino
- Outros

3- Em qual rede de ensino encontra-se atualmente?

- Federal
- Estadual
- Municipal
- Privada
- Mista

4- A quanto tempo você é formado?

- 1-5 anos
- 6-10 anos
- 11-15 anos
- 16-20 anos
- 21-25 anos

- Mais de 25 anos
- Ainda não sou formado

5- Etapa de ensino onde tem lecionado?

- Ensino Infantil
- Ensino Fundamental I
- Ensino Fundamental II
- Ensino Médio
- Ensino de Jovens e Adultos (EJA)
- Ensino Técnico/Profissionalizante
- Ensino Superior

6- Qual sua área de conhecimento?

- Ciências Humanas e suas Tecnologias: História, Geografia, Filosofia e Sociologia.
- Ciências da Natureza e suas Tecnologias: Química, Física e Biologia.
- Linguagens, Códigos e suas Tecnologias: Língua Portuguesa, Literatura, Língua Estrangeira (Inglês ou Espanhol), Artes, Educação Física e Tecnologias da Informação e Comunicação.
- Matemática e suas Tecnologias: Matemática.
- PEB I

7- Você já possuía alguma experiência em ensino virtual (EaD/Remoto) antes da pandemia?

- Sim
- Não

8- Em relação ao preparo de suas aulas antes da pandemia, em média quanto tempo a mais você tem utilizado para prepará-las?

- De 30 min a 1 hora

- De 1 a 2 horas
- De 2 a 3 horas
- Mais de 3 horas
- Mantêm-se o mesmo tempo

9- Em relação a dificuldades enfrentadas no ensino EaD, quais são as principais dificuldades encontradas.

- Gravação e edição de vídeos
- Dificuldades em plataformas online de ensino como (AVA, Moodle, Classroom)
- Dificuldade em entrar em contato com os alunos
- Dificuldades em acesso à internet
- Outros

10-Se na questão anterior você marcou outro, qual seria?

11- Você tem mantido contato com seus alunos?

- Sim
- Não

12- Tendo em vista a crise ocasionada pelo Covid-19, para você, qual o papel do educador brasileiro nesta crise?

Compartilhar informações seguras para seus familiares e alunos. Sim Não

Orientar os alunos de forma consciente a respeito do cenário atual. Sim Não

Dar apoio emocional e psicológico () Sim () Não

Outro () Sim () Não

13- Se na questão anterior você marcou outro, qual seria?

14- Das ações abaixo quais estão sendo tomadas na(s) sua(s) escola(s)?

Suporte emocional aos professores

() Sim () Não () Não sei informar

Suporte e treinamento aos professores para ensino á distancia

() Sim () Não () Não sei informar

Contato direto com as famílias dos estudantes

() Sim () Não () Não sei informar

Adaptação do currículo escolar

() Sim () Não () Não sei informar

Antecipação das férias escolares

() Sim () Não () Não sei informar

Criação de ambientes virtuais de aprendizagem

() Sim () Não () Não sei informar

Ofertas de aulas à distância de forma virtual e/ou online

() Sim () Não () Não sei informar

Envio de material / conteúdo pedagógico para os Professores

() Sim () Não () Não sei informar

() Outro

15- Para você qual tipo de apoio seria importante neste momento de pandemia?

Apoio e treinamento para ensinar à distância (EAD)

Sim Não

Apoio pedagógico para conseguir auxiliar os alunos

Sim Não

Apoio psicológico / emocional

Sim Não

Apoio para conciliar atividades domiciliares e rotina de trabalho

Sim Não

Apoio financeiro

Sim Não

Outro

16- Se na questão anterior você marcou outro, qual seria?

17- Em relação a qualidade do ensino na modalidade EaD/virtual você acredita que o aprendizado do aluno tem sido.

Pior que o presencial

Igual ao presencial

Melhor que o presencial

18- Em relação as suas aulas EaD/Remota você se sente:

- Insatisfeito
- Parcialmente Satisfeito
- Satisfeito
- Completamente Satisfeito

19- Como você tem se sentido a maior parte do tempo?

- Feliz
- Normal
- Não houve mudança
- Ansioso
- Cansado
- Entediado
- Estressado
- sobrecarregado
- Frustrado
- Irritado
- Outro

20- Levando em consideração a pandemia ocasionada pelo novo corona vírus o quanto você está preocupado com a:

Sua saúde física

- Não estou preocupado () Um pouco preocupado () Muito preocupado ()
Totalmente preocupado

Sua saúde mental

- Não estou preocupado () Um pouco preocupado () Muito preocupado ()
Totalmente preocupado

Saúde Familiar

- Não estou preocupado () Um pouco preocupado () Muito preocupado ()
Totalmente preocupado

21- O quanto essas preocupações parecem estar afetando sua saúde mental? Sendo de 0 não está me afetando e 5 totalmente afetando.

0 1 2 3 4 5

22- O quanto essas preocupações parecem estar afetando sua saúde mental? Sendo de 0 não está me afetando e 5 totalmente afetando

Atividades Domésticas / do Lar

Sim Não

Trabalhar de casa nas atividades da(s) escola(s)

Sim Não

Estudos relacionados à capacitação profissional

Sim Não

Organizar a vida pessoal e familiar

Sim Não

Apoiar os(as) filhos nas tarefas escolares

Sim Não

Atividades de autoconhecimento e autocuidado

Sim Não

Atividades físicas em casa

Outros

23- Você possui filhos em idade escolar?

Sim

Não

24- Se na resposta anterior você marcou sim, quantos?

0 1 2 3 4 5 6 ou mais

25- Além do trabalho você tem dedicado parte do tempo para ajudar seus filhos (as) na tarefa de casa?

Sim Não

26- Se na resposta anterior você marcou sim, quanto tempo por dia você tem se dedicado a ajudar nas tarefas de casa de seu filho(a).

De 30 min a 1 hora

De 1 a 2 horas

De 2 a 3 horas

Mais de 3 horas

27- Você gostaria de deixar algum depoimento sobre como está sendo sua experiência nesta nova modalidade de ensino?

28- Você poderia compartilhar qual sua maior preocupação em relação a esse período de pandemia?